



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

PIERRE CAMPOS MEDEIROS

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E A NARRATIVA FÍLMICA:
O Contexto Ficcional do Filme a Era do Gelo 4**

CAJAZEIRAS – PB

2017

PIERRE CAMPOS MEDEIROS

O ENSINO DE GEOGRAFIA E A NARRATIVA FÍLMICA:

O Contexto Ficcional do Filme a Era do Gelo 4

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras – PB, como requisito necessário para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ivalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.

CAJAZEIRAS – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

M488e Medeiros, Pierre Campos

O ensino de geografia e a narrativa filmica: o contexto ficcional do filme a Era do Gelo 4. / Pierre Campos Medeiros. - Cajazeiras, 2017.

71p. :il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lourenzo.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2017.

1. Ensino de geografia. 2. Cinema. 3. Produção cinematográfica. 4. Novas tecnologias- Ensino de geografia. 5. Narrativa filmica. 6. Filme-Instrumento de Ensino. I. Di Lourenzo, Iveralda Dantas Nóbrega. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 91:37

PIERRE CAMPOS MEDEIROS

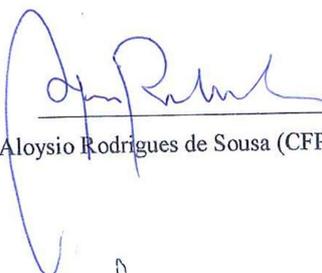
O ENSINO DE GEOGRAFIA E A NARRATIVA FÍLMICA:
O Contexto Ficcional do Filme a Era do Gelo 4 Como Instrumento de Ensino

Aprovado em: 05/06/2017.

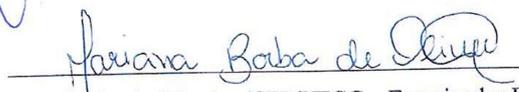
Banca Examinadora:



Prof.ª Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (CFP/UFCG – Orientadora)



Prof. Dr.º Aloysio Rodrigues de Sousa (CFP/UFCG – Examinador Interno Titular)



Profa. Ma. Mariana Borba de Oliveira (CFP/UFCG – Examinador Interno Titular)

CAJAZEIRAS – PB

2017

Ao meu tio, Joaquim Alves de Medeiros, do qual tenho um carinho e afetividade enorme, um dos principais pilares para que toda esta jornada pudesse ser concluída com êxito; pessoa que compartilho um forte sentimento fraterno e espelho que sigo durante toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, Senhor digno de toda honra e glória, que me deu a força e a sabedoria necessária para enfrentar esses anos acadêmicos que vivi profundamente e, por não ter fraquejado em momento algum, apesar de todas as turbulências vividas ao longo desses anos.

Agradeço aos meus genitores, Francisco de Assis e Lúcia Campos, por ter me dado toda a base necessária para que eu pudesse ter vivido intensamente a universidade como vivi e terem me ensinado à ética e a moral das quais me fizeram chegar aonde cheguei.

Quero agradecer também a uma pessoa especial: Ayane Rodrigues, que esteve ao meu lado nessa reta final, em um momento turbulento no qual me apoiou, carinhosamente, sentimentalmente, verbalmente e com companheirismo, dando força para que eu pudesse me manter firme e de cabeça erguida, compartilhando vários bons momentos durante a jornada acadêmica.

A minha Orientadora e mentora Prof.^a Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, pessoa a qual tive o imenso prazer em ser aluno e orientando. Sou grato por todas as oportunidades a mim proporcionadas e por compartilhar de alguns momentos complicados que passei não me permitindo desistir; por confiar no meu potencial e pessoa. Professora a qual conquistei uma grande e forte relação para além das salas de aula.

Ao Prof. Me. Aldo Gonçalves de Oliveira, por ter acreditado no meu potencial e ter me oferecido as primeiras oportunidades como integrante de projetos de pesquisa e extensão.

Agradeço também a um grande amigo e espelho Marcio Bento Bezerra, o qual me projetou nos movimentos estudantis, especialmente no Diretório Central dos Estudantes (DCE) e Centro Acadêmico de Geografia (CAGEO), no qual tive importante e considerável participação.

A minha querida Turma do período 2011.1, a qual infelizmente muitos ficaram pelo caminho, pessoas as quais compartilhei momentos que ficarão guardados para o resto da vida. Amigos e irmãos que fiz durante essa jornada, como Jocelma, Cleilton e Mikaela. Amigos que tenho uma gratidão e carinho enorme, assim como todo o restante dos colegas, Lucine, Clenilda, Auxy e Ligia. A eles devo muito pelo aprendizado que tive e ao laço construído.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do qual fiz parte como Bolsista de Iniciação à Docência (ID) no período de 2014 a 2016, cujas atividades se desenvolveram na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Crispim Coelho, esta a

qual agradeço imensamente pela abertura de oportunidades no campo da formação acadêmica e da iniciação à docência.

À Professora Dra Cícera Cecília Esmeraldo Alves, Coordenadora do Subprojeto Geografia, do PIBID.

Agradeço a todos os professores do Curso de Geografia, dos quais considero muitos como verdadeiros mestres, com os quais construí uma grande e profunda relação para além da sala de aula e, dos quais levarei ensinamentos toda à vida.

Por fim, fico grato por ter tido o privilégio de ter conhecido e convivido com Mismana e Maglandyo, pessoas especiais que levarei no coração por todo companheirismo e pelo sentimento compartilhado que tivemos ao longo dessa jornada universitária, assim como, todo o apoio que recebi por vocês durante esses anos.

A todos, o meu muito obrigado!

A Geografia da Saudade está para além da mera distância. Ela comporta a fatídica distribuição dos momentos em espaços que parecem não estar sujeitos ao tempo.

André de Moraes.

RESUMO

O presente trabalho, desenvolvido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia tem como tema central “O Ensino de Geografia e a Narrativa Fílmica: o contexto ficcional do filme “A Era do Gelo 4” como instrumento de ensino. Esta temática pode ser considerada de suma importância, pois seu objeto vem de encontro as novas adequações ocorridas nos últimos anos dentro do processo de ensino-aprendizagem nas escolas da Educação Básica, se configurando assim como um importante instrumento para a atuação docente. Esta proposta objetiva analisar os elementos que norteiam os possíveis processos investigativos e os níveis de conhecimento que se pode obter mediante a leitura fílmica da produção cinematográfica “A Era do Gelo 4” (cujo título original é: A Era do Gelo 4 - Deriva Continental) nas aulas de Geografia, bem como, apresentar aos leitores como se processa a compreensão fílmica através do processo de ensino-aprendizagem no cotidiano escolar e as relações desenvolvidas no espaço ficcional. De tal modo, se estabelece como marco teórico principal diversas contribuições que têm como embasamento o estudo e a compreensão da utilização dos filmes, independente do gênero textual, corroborando com a apreciação específica do gênero animação no qual se enquadra o filme estudado. Para a devida execução da pesquisa foi necessário o estabelecimento de um conjunto de métodos e de técnicas específicas que se vinculam frente ao objetivo almejado, dos quais se pode elencar: os métodos de abordagem hipotético-dedutivo e de procedimento estruturalista; e as técnicas de pesquisa documental e bibliográfica. Seguindo estes preceitos, vimos que os recursos tecnológicos, dentre eles, a produção cinematográfica, são de extrema importância para a compreensão de diversos fenômenos e situações que envolvem a relação homem-natureza, objeto de estudo da Geografia. Através deste recurso, independentemente de seu caráter fílmico-ficcional, foi possível compreender não apenas o comportamento natural do ambiente em que vivemos, mas nossa participação como agentes modificadores de um sistema em constante evolução, do qual direta ou indiretamente necessitamos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Novas tecnologias. Gênero textuais. Cinema.

ABSTRACT

The present work, developed as a requirement to obtain a degree in Geography, has as its central theme "The Teaching of Geography and Film Narrative: the fictional context of the film" The Ice Age 4 "as a teaching tool. This subject can be considered of paramount importance, since its object is in line with the new adaptations that have occurred in recent years within the teaching-learning process in primary schools, thus becoming an important instrument for teaching. This proposal aims to analyze the elements that guide the possible investigative processes and the levels of knowledge that can be obtained through the filmic reading of the cinematographic production "The Ice Age 4" (whose original title is: Ice Age 4 - Continental Drift) in Geography classes, as well as, to present to the readers how the filmic understanding is processed through the teaching-learning process in the school routine and the relations developed in the fictional space. Thus, the main theoretical framework is the various contributions that have as basis the study and understanding of the use of films, regardless of the textual genre, corroborating with the specific appreciation of the genre animation in which the film studied fits. For the proper execution of the research, it was necessary to establish a set of specific methods and techniques that are linked to the desired goal, which can be listed: the hypothetical-deductive approach and the structuralist procedure; And documentary and bibliographic research techniques. Following these precepts, we have seen that the technological resources, among them, the cinematographic production, are of extreme importance for the understanding of several phenomena and situations that involve the relation man-nature, object of study of Geography. Through this resource, regardless of its film-fictional character, it was possible to understand not only the natural behavior of the environment in which we live, but our participation as agents modifying a constantly evolving system, which we directly or indirectly need.

Keywords: Geography teaching. New technologies. Textual genres. Movie theater.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tecnologias da Informação: novas práticas em sala de aula	26
Figura 2 - Tecnologias: novos recursos, novas aprendizagens.....	27
Figura 3 - Encarte da Mídia “A Era do Gelo 4”	40
Figura 4 - Paisagem característica do ambiente em “A Era do Gelo 4”	48
Figura 5 - Evidências geológicas observadas por Wegener em 1915	50
Figuras 6 e 7 - Sequência em que ocorre a ruptura da crosta e a separação dos continentes.	51
Figuras 8 e 9 - Sequência em que ocorre o abalo sísmico e uma grande onda na costa oceânica	52
Figura 10 - Surgimento de uma nova estrutura de relevo na paisagem.....	53
Figuras 11 e 12 - Tipos de estruturas originadas por pressões sobre as camadas rochosas ...	53
Figura 13 - Mamute Menny repreendendo sua filha Amora ao lado de seu amigo Louis	55
Figura 14 - Sid cumprimentando sua família que não a vê há anos	56
Figura 15 - Jovens amigos, de diferentes espécies, se divertindo em um campo de Gêiser ..	56
Figura 16 - Mamute Menny repreendendo sua filha Amora na frente de seus amigos.....	57
Figuras 17 e 18 - Sequência em que ocorrem os primeiros conflitos com os Piratas	58
Figuras 19 a 26 - Cenas em que Manny, Diego, Sid e Vovó ao serem tentados pelo canto das sereias	59
Figura 27 - Louis observa Amora renegar sua amizade perante um grupo de mamutes	60
Figura 28 - Reencontro do bando e continuidade do vínculo familiar-afetivo.....	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro Sinóptico: Tipos textuais x Gêneros Textuais	35
Quadro 2 - Gêneros que circulam com frequência na sociedade	36
Quadro 3 - Gêneros, suas características e subdivisões	38
Quadro 4 - Metagêneros, suas características e subdivisões	39
Quadro 5 - <i>Shots</i> (planos) mais utilizados no filme	42
Quadro 6 - Efeitos aplicados no início e no fim de cada cena	43
Quadro 7 - Fragmento da Tabela do Tempo Geológico.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGB	Associação dos Geógrafos Brasileiros
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNG	Conselho Nacional de Geografia
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
DVD	Discos Digitais de Vídeo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
Ma	Milhões de anos
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa de Bolsa de Iniciação à Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
TIC's	Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS	17
1.1 O Ensino de Geografia: Bases Legais e Curriculares.....	17
1.2 Formação Docente: o Professor e os Recursos Tecnológicos	23
1.3 Educação e o Audiovisual: Cinema, Televisão e Internet.....	30
2 GÊNEROS TEXTUAIS, CINEMA E GEOGRAFIA NA ESCOLA	34
2.1 Gêneros e Cinema na Escola: um Mundo que Encanta e Fascina.....	34
2.2 Gênero Ficcional: o Filme de Animação a Era do Gelo 4.....	37
2.3 Entre a Produção e a Exibição: as Cenas e suas Subdivisões.....	41
3 O (IN)VISÍVEL CONTIDO NA PAISAGEM: UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE EDUCACIONAL	45
3.1 A Categoria Geográfica Paisagem no Filme ‘A Era do Gelo 4’	45
3.2 Os Aspectos Naturais e a (Des/Re) Construção da Paisagem	49
3.3 As Relações Sociais Mediadas na Natureza	54
CONSIDERAÇÕES	62
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

O Ensino de Geografia, baseado na proposta curricular do sistema de brasileiro de ensino surge como um instrumento que visa oferecer aos educandos a devida reflexão e compreensão da interação existente entre natureza e sociedade. Essa área do conhecimento possibilita, direta e indiretamente, observar e conhecer as diferentes realidades e suas variações espaço-temporais como instrumentos de construção do espaço geográfico.

No campo pedagógico, o Ensino de Geografia visa ampliar, conforme definido em suas bases legais, a capacidade de observação, compreensão, explicação, comparação e representação das características específicas de um determinado ambiente por parte dos educandos partindo, a princípio, do lugar onde vivem, relacionando-o com os demais espaços.

O presente trabalho, intitulado ‘O Ensino de Geografia e a Narrativa Fílmica: O Contexto Ficcional do Filme A Era do Gelo 4 como Instrumento de Ensino’, tem como justificativa a necessidade de se expor as possibilidades e dificuldades existentes, a partir do uso de produções cinematográficas, fictícias ou não, como instrumento do processo de ensino-aprendizagem, na Educação Básica.

Nossas motivações surgiram desde a disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Geografia IV, ministrada no ano de 2015, quando percebemos através das experiências na escola básica, a importância da utilização de metodologias e linguagens diferenciadas, dentre elas o cinema e a perspectiva fílmica, quando abordamos o filme Vida Maria, em sala de aula, numa turma de 1 Ano do Ensino Médio, momento em que discutíamos sobre a temática paisagem. A partir desse momento, nos interessamos pelo debate e associando isto a nossa intenção e inclinação pelos conteúdos pertinentes à área mais específica da Geografia Física. Contudo, tivemos também que associar isto a nossa formação docente, portanto, interligar aos conhecimentos pertinentes ao ensino de geografia e à formação num curso de Licenciatura. Assim, nosso recorte temporal de pesquisa delimita-se no período de abril de 2015 a fevereiro de 2017 quando encerramos nossas investigações para fins de conclusão de pesquisa.

Nesse sentido, entendemos as relevâncias e contribuições para as áreas em que se inserem os currículos educacionais e que estes se estabelecem em face do desenvolvimento tecnológico e sua conseqüente inserção dentro do cotidiano escolar, para professores e alunos, de modo a se caracterizar como uma fase de experiências e avanços dentro do campo educacional.

Conforme descrito pelo roteirista de “A Era do Gelo 4” em sua sinopse original, o esquilo Scrat, sempre em busca de sua cobiçada noz, provoca, sem querer a separação dos

continentes, denominada por Wegener como Deriva Continental e essa situação, diretamente, provoca mudanças no terreno de vários locais. A principal destas mudanças, que acaba sendo a responsável por praticamente toda a sequência fílmica, é o distanciamento entre os personagens, onde o trio de amigos Manny, Diego e Sid acabam presos em um pequeno iceberg, enquanto que Ellie e a filha do casal de mamutes, a pequena Amora, permanecem no continente. Em face dessa situação, Manny, ainda em alto mar, promete a Ellie e Amora que irá encontrá-las a qualquer custo, contudo, este precisará enfrentar alguns perigos, como piratas e sereias.

Considerando a sinopse acima apresentada, a problemática ora evidenciada tem por base a dificuldade existente por parte dos professores de mais idade e que não acompanharam a constante evolução dos recursos tecnológicos e seu conseqüente domínio. Vivemos em uma época caracterizada pelo processo de globalização, fenômeno esse responsável pela democratização e descentralização não só do saber, mas do processamento das informações e da conseqüente comunicação entre professores e alunos. Estabelece-se como hipótese o possível desinteresse por parte desses profissionais, alicerçado pelo déficit existente em meio aos cursos de formação continuada desenvolvido pelas secretarias de ensino ou núcleos gestores, proporcionando um atraso na proposição de um novo direcionamento curricular reconhecido como necessário pelos Parâmetros Curriculares, cuja proposta adota os diferentes gêneros textuais, como base de referência para leitura, e nela se enquadra a leitura fílmica.

De tal modo, objetiva-se através desta temática proposta analisar os elementos que norteiam os possíveis processos investigativos e os níveis de conhecimento que se pode obter mediante a leitura fílmica da produção 'A Era do Gelo 4' nas aulas de Geografia, na Educação Básica, bem como, de forma clara e objetiva, apresentar aos leitores como se processa a compreensão fílmica através do processo de ensino-aprendizagem, no cotidiano escolar. No entanto, há que se considerar os problemas elencados, e que tornar-se-ão os responsáveis pela aprendizagem ou não do público-alvo. Para isto, com base nos preceitos de Marconi e Lakatos (2010), servimo-nos de procedimentos metodológicos básicos, dos quais destacamos métodos e técnicas, indispensáveis ao processo de investigação científica.

Dentre os métodos comumente utilizados nesse processo, mais especificamente junto às ciências sociais, evidenciamos o uso de métodos de abordagem e de procedimento e de técnicas de pesquisa, aplicados de maneiras distintas. Como método de abordagem, considerando sua amplitude diante dos fenômenos naturais e sociais existentes, empregou-se o método de abordagem hipotético-dedutivo, que conforme disposto por Marconi e Lakatos (2010, p. 106), se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual

formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese.

A partir desta delimitação, em decorrência da característica deste trabalho, optou-se pelo uso do método de procedimento estruturalista, partindo, assim descrito por Marconi e Lakatos (2010, p. 111), da investigação de um fenômeno concreto ao nível do abstrato, por intermédio da constituição de um modelo que represente o objeto de estudo retomando, por fim, ao concreto, como uma realidade estruturada e relacionada, assim estabelecida.

Complementando os procedimentos metodológicos adotados, foi empregado dentre um leque de técnicas de pesquisa possíveis as técnicas de documentação indireta, com destaque as pesquisas documental e bibliográfica, respectivamente assim constituídas: a) pesquisa documental, através da consulta a arquivos públicos (documentos oficiais e publicações parlamentares); b) pesquisa bibliográfica, através da análise de meios audiovisuais (produção cinematográfica) e de publicações (livros, trabalhos acadêmicos, pesquisas e/ou publicações avulsas) (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 174-185).

O quadro-teórico empregado e relacionando-o ao objeto de estudo vem de encontro a necessidade de se estabelecer o conhecimento acerca das informações que se baseiam em teorias e em experiências cotidianas, principalmente no que cerne ao uso e aplicação das novas tecnologias em sala de aula por boa parte dos professores. Nesse conjunto, inserem-se as produções cinematográficas, isto é, os filmes.

Nessa perspectiva, o corpo deste trabalho de conclusão de curso contém uma síntese de informações baseadas em estudos e pesquisas desenvolvidas por inúmeros estudiosos da área, cuja intencionalidade se ascende mediante teorias distintas, e que envolve o estudo sobre gênero textual fílmico e sua consequente análise.

Em seguida a este capítulo introdutório, considerando assim as partes que compõem o trabalho, temos no capítulo 1 um estudo pautado na consolidação da Geografia como ciência do conhecimento e no seu estudo, com base no uso das novas tecnologias. Para tanto, discorreu-se acerca de suas bases histórica, legal e curricular, mediante o estudo da bibliografia de autores como Dantas e Barbosa (2011), Abreu (1994), Bernardes (1982), Carvalho (2005), Chagas (1993) e Penteado (1991), além da consulta a arquivos públicos como a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2016). Ainda neste segundo capítulo, ao discorrer sobre a formação docente e o uso dos recursos tecnológicos, sejam eles dentre os elementos audiovisuais cinema, televisão e internet, contamos com a contribuição de autores como Silveira (2003),

Marcondes Filho (2002), Araújo e Felipe (2007), Nunes (2011), Prensky (2010), Garcia (2013), Sampaio e Leite (2010), Libâneo (2000), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), além de Santos (2014), Freitas (2003) e Cavalcanti (2008).

Fortalecendo as discussões acerca da leitura geográfica através da produção audiovisual os gêneros textuais ganham destaque ao considerarmos sua característica lúdica e didática. No capítulo 2, respeitando o critério estrutural do trabalho, faz-se a inferência aos gêneros textuais vinculados ao estudo da linguística, tendo por base o cinema, isto é, os filmes, como elemento facilitador da compreensão da relação homem-natureza, objeto de estudo da Geografia.

Nesta conjectura, autores como Caldas e Arnoni (2007), Marcuschi (2002), Schneuwly e Dolz (2004), Mello, Mokva e Confortin (2014), corroboram para essa discussão importante para a compreensão, principalmente, do caráter ficcional inserido no filme de animação “A Era do Gelo 4”. De tal modo, de forma a completar o entendimento, este capítulo se atenta ainda a promover a relação existente entre a produção e a exibição do filme, elencado na medida do necessário, as principais cenas e suas subdivisões, norteadas pelo arcabouço teórico necessário a compreensão geográfica.

Por fim, no capítulo 3 é discutido de maneira sintética, características que evidenciam a relação existente entre o invisível e o visível contido na paisagem, sendo esta premissa uma contribuição ao debate educacional. Dentro deste debate se enquadra a necessidade de estudo da categoria geográfica paisagem no filme “A Era do Gelo 4”, seus aspectos naturais e seu processo de desconstrução e reconstrução, mediante conceitos relacionados a esta dinâmica, seguido das relações mediadas na natureza, esta concebida como um sistema mutável.

Partindo da premissa de que a hipótese levantada delineia a produção fílmica, neste caso, através do gênero ficcional da animação como um recurso textual que favorece a leitura não apenas intertextual, mas interdisciplinar, buscaremos adequar a proposta de trabalho em meio ao desenvolvimento de habilidades múltiplas das quais professores e alunos poderão não só criar, mas desenvolver, frente a um caminho cujas discussões sempre estarão ligadas a leitura fílmica como possibilidade de interação e ensino, provocando reflexões críticas e positivas em meio ao processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A utilização de recursos audiovisuais nas aulas de Geografia tem sido uma prática constante em meio as transformações tecnológicas recentes. Considerando ser este um instrumento interativo de fácil acesso e manuseio, muitas escolas e professores de diferentes áreas do conhecimento têm a utilizado com frequência, já que além de proporcionar uma maior interação aluno-professor-conteúdo, possibilita ainda trabalhar a interdisciplinaridade entre as diferentes ciências.

No presente capítulo trataremos uma discussão acerca do ensino de geografia e o uso de novas tecnologias a partir dos recursos audiovisuais, para isso, tornar-se-á necessário promovermos um estudo pautado a partir da institucionalização da geografia escolar e das constantes transformações sobre ela exercida, de modo que compreendamos seus diferentes momentos até a introdução dos recursos audiovisuais como metodologia de ensino.

1.1 O Ensino de Geografia: Bases Legais e Curriculares

O ensino de geografia no Brasil teve início no século XIX quando em 1837, a Geografia foi implantada como disciplina escolar obrigatória no Colégio Pedro II, situado no Rio de Janeiro (DANTAS E BARBOSA, 2011, p. 11). Segundo os autores, esta disciplina enquanto ciência do conhecimento buscou proporcionar à época a formação política de parte da sociedade, considerada como “a elite brasileira” (op. cit.), dos quais pretendiam inserir-se na política e em atividades a ela relacionadas. Em 1934, através do Decreto nº 6.283 de 25 de janeiro, é criada a Universidade de São Paulo. A partir de então, a Geografia institui-se como curso superior vinculado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sob influência da escola francesa de Geografia, introduzida por Delgado de Carvalho, como aponta Abreu (1994, p. 204):

(...) embora seja inegável que, com a criação dos cursos universitários, a Geografia atingiu um patamar novo em seu processo de desenvolvimento no Brasil, fixar o seu nascimento em meados da década de 30 acaba por encobrir o importante papel que vinha desempenhando, já há 25 anos, aquele que foi o verdadeiro introdutor da chamada escola francesa no país: Carlos Delgado de Carvalho.

Com a chegada de Pierre Deffontaines ainda em 1934 e, posteriormente, Pierre Monbeig em 1935, a Geografia se consolida enquanto ciência, não apenas voltada para o ensino, mas também para a pesquisa. Outrossim, a solidificação da Geografia ocorre a partir da criação da Universidade do Distrito Federal, sob Decreto nº 5.513 de 4 de abril de 1935, no estado do Rio de Janeiro, ora Capital do País, em virtude da transferência de Pierre Deffontaines para esta instituição. Neste viés, a Geografia destaca-se por desenvolver-se junto aos dois maiores centros de ensino superior da época. Em 1940, Francis Ruellan chega ao Brasil e se fixa no Rio de Janeiro, destinado a ministrar aulas na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, sendo considerado como o formador da segunda geração de geógrafos do Rio de Janeiro, como frisa Bernardes (1982, p. 522).

Nesse período foram criadas duas instituições de extrema importância, responsáveis pela divulgação e aprimoramento da atividade profissional dos geógrafos, são elas: a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em 1934, e o Conselho Nacional de Geografia (CNG), em 1937. Estas instituições eram compostas por intelectuais que se interessavam pelo estudo da Geografia no Brasil, distribuídos no eixo São Paulo - Rio de Janeiro.

De modo transcendente, essas instituições tendem a sofrer transformações significativas para os geógrafos. O CNG, no ano de 1938, mediante as Diretrizes do Estado Novo passa a ser denominado de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto a AGB passa por um processo de expansão, sendo que a partir de 1944 ganha dimensões nacionais em decorrência da criação de seções locais, antes restritas a São Paulo e Rio de Janeiro. (CARVALHO, 2005).

Conforme descrito por Melo, Vlach e Sampaio (2006, p. 2687-2688), esse foi o início da formação do técnico em Geografia, o bacharel. Já na década de 70, em face das mudanças promovidas no currículo escolar do 1º e 2º graus, a formação dos professores de Geografia também é afetada. Até então, nos cursos superiores, os recém-formados eram habilitados a lecionar as disciplinas de Geografia e História, contudo, após a fixação do currículo comum através do Parecer nº 853/71, art. 1º, alínea b, § 1º, fica estabelecido que a disciplina de Geografia, juntamente a disciplina de História e de Organização Social e Política do Brasil, passam a compor a disciplina de Estudos Sociais (CHAGAS, 1993).

Esta alteração no currículo escolar provocou transformações na formação do professor, já que:

Os Estudos Sociais compreendem uma área de estudos que tem por objetivo a integração espaço-temporal do educando, servindo-se para tanto dos conhecimentos e conceitos da História e Geografia como base e das outras ciências humanas – Antropologia, Sociologia, Política, Economia – como instrumentos necessários para a compreensão da História e para o ajustamento ao meio social a que pertence o educando (PENTEADO, 1991, p. 20).

Para Barbosa (2015, p. 2), essa mudança gerou muitas críticas de profissionais da História e da Geografia, não satisfeitos com a consequência de uma legislação conservadora para a formação do educando e para a identidade das ciências. Em consequência a essas mudanças o ensino de Geografia é posto em questionamento. No entanto, no final da década de 70, através da realização de assembléias e dos consequentes debates promovidos pela AGB o ensino de geografia volta a ser a principal preocupação dos geógrafos.

Em meados da década de 80, poucos anos após o fim do Regime Militar, é promovido em Brasília pela AGB o 1º Fala Professor. Um encontro voltado a discussão da problemática da geografia escolar, envolvendo Professores de Geografia de todo o país, cuja abordagem retrata as dificuldades envolvendo os conteúdos, a formação docente, o mercado de trabalho e a discussão curricular. Esses encontros superam as expectativas, chamaram a atenção da comunidade acadêmica e são realizados periodicamente, a cada 4 anos, em diferentes cidades (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2006).

Com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988 a educação brasileira e os sistemas de ensino são vistos com maior responsabilidade pelo Estado. Nela, ao tratar da organização do Estado, em seu capítulo II, artigo 22, inciso XXIV, é disposto que compete privativamente a União legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Entrementes, é publicada em 20 de dezembro de 1996 a Lei nº 9.394, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), abrangendo os processos formativos que se desenvolvem nos diversos segmentos da sociedade, disciplinando a educação escolar por meio do ensino e em instituições próprias, na qual deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (BRASIL, 2015). A partir da LDB são ditadas reformulações que envolvem os currículos escolares e a formação necessária ao exercício dos profissionais de educação.

Em 1998, em consonância a LDB, são publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Nele, é estabelecido um referencial pedagógico para a educação em todo o País e tem como função orientar e garantir ao sistema educacional os subsídios necessários ao pleno desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem pautados em experiências de sala e aula, tais como os difundidos nas publicações apresentadas nos encontros promovidos

pela AGB. A partir de então, traz-se a discussão e a possibilidade de incorporação das diferentes geografias frente a construção de uma única corrente que tenha como relevância e objetivo a o ensino da disciplina enquanto ciência.

Com relação à Geografia, enquanto parte integrante do currículo escolar na educação básica, os PCN estabelecem que:

A Geografia tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço e perceber as relações do passado com o presente (BRASIL, 1998, p. 15).

Como proposto pelos parâmetros, o ensino de geografia na educação básica representa um processo de continuidade, onde o aluno deverá avançar ano após anos, de modo que esses possam vir a compreender o papel desenvolvido pelo homem sobre a natureza, isto é, a ação exercida pelos indivíduos ou grupos sociais no que se refere à construção do espaço (BRASIL, 1998). A elaboração dos PCN surge como uma possibilidade de repensarmos o ensino de geografia e a conseqüente atividade docente em sala de aula. Sua institucionalização como componente curricular voltado a formação cidadã, frente as transformações ocorridas no espaço, reitera sua importância. Cavalcanti (2005, p. 16), enfatiza que:

A geografia defronta-se com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo. O avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias, homens e ideias distanciam os homens do tempo da natureza e provocam um certo encolhimento do espaço de relação entre eles. Na sociedade moderna, baseada em princípios de circulação e racionalidade, há um domínio do tempo e do espaço, mecanizados e padronizados, que se torna fonte de poder material e social numa sociedade que constitui à base do industrialismo e do capitalismo.

Está difícil tarefa, delegada sumariamente ao professor, recebe uma atenção especial dos Parâmetros Curriculares, ao estabelecerem que a observação e a caracterização dos elementos presentes na paisagem são o ponto de partida para uma compreensão mais ampla das relações entre sociedade e natureza, sendo possível problematizar as interações entre o local e o global, distantes no tempo e no espaço (BRASIL, 1998, p. 15). De tal modo, Oliveira

(2010), descreve que para que possamos compreender geograficamente estas relações enaltecidas pelos PCN, é necessário entendermos as distintas espacialidades existentes nesta ciência, tal que:

(...) numa perspectiva abrangente, articulada, coerente e compreensível, é preciso estabelecer os nexos, as relações sócio espaciais entre as informações e os fatos e entre estes e a realidade em escalas adequadas de apreensão e abordagem, desde o espaço mais imediato da vida cotidiana, do lugar ou do local, ao mais abrangente, o global, identificando as articulações entre essas instâncias espaciais e as intermediárias, suas hierarquias, subordinações, permanências, resistências, insubordinações, possibilidades, tendências, mudanças (OLIVEIRA, 2010, p. 1).

Seguindo essa perspectiva descrita por Oliveira (2010), os PCN propõe algumas temáticas que possibilitam a leitura e a compreensão do mundo através da Geografia, o estudo da natureza e sua importância para o homem, o campo e a cidade como formações sócio espaciais e a cartografia como instrumento de aproximação dos lugares, a exemplo: a construção do espaço com ênfase aos territórios e os lugares, de modo que se permita avaliar o tempo do homem e o tempo da natureza; a conquista do lugar, fundamentada nos ensinamentos de La Blache, como a conquista da cidadania; os fenômenos naturais, sua regularidade e possibilidade de previsão pelo homem; a natureza e as questões ambientais; o espaço como acumulação de tempos desiguais; a modernização e a redefinição nas relações campo-cidade; o papel do Estado e das classes sociais frente a formação de uma sociedade urbano-industrial; a cultura e o consumo como instrumento de interação entre campo e cidade; a leitura crítica e o mapeamento cartográfico consciente; e, o uso dos mapas como possibilidade de conhecimento dos diferentes lugares.

Essa proposta contempla diferentes dimensões, das quais se identificam os conceitos, os procedimentos e as atitudes, perspectivas fundamentais que asseguram a definição de capacidades necessárias à escolarização geográfica. Para tanto, faz-se necessário a utilização de metodologias diversificadas que possibilitem aos educandos, conforme apresentado no PCN's para a disciplina de Geografia (BRASIL, 1998, p. 88-89), reconhecer os conceitos e categorias geográficas, a importância da análise das paisagens e suas diferentes escalas e conceituar os elementos caracterizadores das paisagens urbanas e rurais, mediante a construção de um discurso articulado sobre os lugares e sua pluralidade, suas diferentes escalas e dinâmicas espaço-temporais que organizam as paisagens, a natureza, a sociedade e seu cotidiano.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB), formulada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), sob égide da Lei nº 9.9394/1996, é o documento que delimita o conjunto de definições doutrinárias, os princípios, os fundamentos e os procedimentos da Educação Básica, responsáveis por orientar as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas e tem como objetivo: sistematizar os princípios e diretrizes gerais da Educação Básica contidos na Constituição, na LDB e demais dispositivos legais; estimular a reflexão crítica e propositiva que deve subsidiar a formulação, execução e avaliação do projeto político-pedagógico da escola de Educação Básica; e orientar os cursos de formação inicial e continuada de profissionais da Educação Básica, os sistemas educativos dos diferentes entes federados e as escolas da rede a que pertençam (BRASIL, 2013, p. 7-8).

Sobre o Ensino Fundamental e o desenvolvimento do Ensino de Geografia, as DCNEB abordam a questão de um currículo de base nacional comum, seguindo o estabelecido pelo artigo 26 da LDB, ao definir esta base como estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso (BRASIL, 2013, p. 114). Neste viés, a Geografia exerce seu papel constituindo-se como o instrumento responsável pela compreensão e conhecimento do mundo físico e natural, bem como desta realidade social e política, conforme estabelecido pela Resolução nº 7/2010.

No Ensino Médio, considerando sua finalidade legal de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental tem o desenvolvimento do Ensino de Geografia nas DCNEB pautado por um currículo de base nacional comum, sistematizados entre áreas de conhecimento, no qual se destacam: as Linguagens, a Matemática, as Ciências da Natureza e as Ciências Humanas, sendo a Geografia um dos componentes integrantes das Ciências Humanas, como determina o Art. 9º, parágrafo único, inciso IV, da Resolução nº 2/2012 (BRASIL, 2013, p. 198).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que atende ao Plano Nacional de Educação (PNE), em consonância as DCNEB, e se encontra em processo de submissão a consulta pública, para posterior sujeição por parte do CNE. A BNCC tem como objetivo sinalizar os percursos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes ao longo da Educação Básica, garantindo a eles a possibilidade de desenvolverem os quatros eixos de formação necessários ao avanço do processo de escolarização, que são: o letramento e a capacidade de aprender, a leitura do mundo natural e social, a ética e o pensamento crítico e, a solidariedade e a sociabilidade.

No que cerne ao ensino da Geografia, a BNCC define como um dos princípios da escolarização a formação de estudantes capazes de intervirem e problematizarem sobre as formas de produção e de vida em um espaço em constantes transformações, considerando como primeira referência a leitura do lugar onde esses se encontram inseridos e as relações nele estabelecidas, favorecendo a abordagem dos conhecimentos geográficos (BRASIL, 2016, p. 161).

Considerando os níveis de ensino da Educação Básica, a BNCC estabelece que nos anos iniciais do Ensino Fundamental o ensino da Geografia se encontra articulada a outros saberes, a outras áreas de conhecimento, de modo a possibilitar o processo de alfabetização e letramento que permitam a atribuição de sentidos necessários à compreensão das relações entre as pessoas, os grupos sociais e desses com a natureza, integradas as diferentes atividades de trabalho e lazer, desenvolvendo os valores sociais, o respeito, a tolerância, a solidariedade e o cuidado, de si e do outro, oportunizando ainda, o desenvolvimento de noções de pertencimento, de localização, de orientação e de organização das experiências e vivências em diferentes locais, noções fundamentais para o conhecimentos geográficos (BRASIL, 2016, p. 310).

Nos anos finais do Ensino Fundamental o ensino da Geografia, conforme descrito pela BNCC, os componentes curriculares pretendem, de modo geral, proporcionar possibilidades de leituras de mundo, fundamentais para a construção de uma visão crítica da sociedade, voltada a formação da cidadania. Nessa fase do ensino é objetivado a ampliação e o desenvolvimento de capacidades interpretativas norteadas pelo estudo e comparação das paisagens, as relações entre sociedade e natureza, as dimensões e os conflitos territoriais em diferentes escalas geográficas, assim como, as contradições políticas, econômicas e ambientais provenientes da conflitante relação campo/cidade, rural/urbano (BRASIL, 2016, p. 452).

Por fim, no Ensino Médio, a BNCC se encontra intrinsecamente ligada às DCNEB e considera os desafios existentes na Geografia contemporânea como elemento de referência para o alcance dos objetivos essenciais ao pleno desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, assim como, o devido desenvolvimento da formação integral dos estudantes através do conhecimento científico. Em suma, se espera que a Geografia contribua como campo de conhecimento, o desenvolvimento da capacidade de pesquisa por parte dos estudantes, através da identificação de possíveis problemas e suas hipóteses, e a consequente seleção de informações, de modo que esses consigam interpretar essas informações, organizando-as e relacionando-as as demais áreas de conhecimento.

1.2 Formação Docente: o Professor e os Recursos Tecnológicos

A disciplina de Geografia como ciência e disciplina escolar não se restringe aos arcabouços legais antepostos, mas a um conjunto de instrumentos didáticos-pedagógicos responsáveis pelo desenvolvimento de possibilidades educativas que se adequem as necessidades de uma sociedade em constantes transformações. Conforme explicitado nos PCN's (1988), a essência da sociedade em transformação são: o conhecimento e a informação, assim compreendidos pelas práticas docentes e pelos recursos tecnológicos, sendo este último, de ordem instrumental, informacional e comunicacional, como frisa Silveira (2003, p. 2), ao discorrer sobre o debate contemporâneo referente aos efeitos das relações existentes entre tecnologia e sociedade, cujos campos disciplinares participam individualmente ou de forma interdisciplinar, com destaque, a contribuição da Geografia e seus reflexos condicionantes do processo de globalização.

Ao tratarmos da tecnologia como um componente permanente do cotidiano social e pedagógico no ensino de geografia, há de considerarmos o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), sendo esta uma definição atribuída as diversas tecnologias que impulsionam e intensificam a busca pelo conhecimento através da informação e da comunicação, em sala de aula ou fora dela, haja vista não podermos delimitar o espaço de aprendizagem a relação e a prática comum professor-aluno-livro didático dentre quatro paredes, mas a todo um conjunto de ambientes e meios pelo qual se processa o ensino e a aprendizagem.

Como enfatizado por Marcondes Filho (2002), compreender a sociedade tecnológica é também compreender o cerne das questões que envolvem a presença e a preponderância das tecnologias no cotidiano. É interessante pensarmos a geografia que se pretende trabalhar em sala de aula, isto é, a geografia que influenciará a formação cidadã do educando frente as constantes transformações, sejam elas físicas, humanas ou técnicas. Em síntese:

Na Sociedade Tecnológica, duas palavras são chaves para a compreensão de diversos aspectos: transformação e inclusão tecnológica. Em seu centro, o professor, que precisa (re)significar a própria prática e dar sentido ao tempo e espaço de seus alunos. Principalmente porque o ritmo da modernidade (o contexto pós-industrial) impõe uma intensidade nunca antes vista na humanidade (ARAÚJO; FELIPE, 2007a, p. 9).

A intensidade explicitada pelos autores dar-se em face da velocidade em que se processa as transformações, ao tempo em que a tecnologia evolui. Um exemplo por eles apresentado expõe, em um intervalo de 30 anos (1931-1961), o surgimento da lâmpada a querosene e a chegada do homem à lua. De tal modo, há de salientar que tal fenômeno ocorre também frente ao processo de formação e atuação docente, caracterizado principalmente pela evolução da informática e sua dominialidade sobre as demais tecnologias.

Nunes (2011, p. 73), reforça essa assertiva ao discorrer que as novas tecnologias de comunicação, informação e contato comprimiram o espaço e o tempo a tal ponto que os meios físicos das extensões espaciais e durações temporais foram em boa parte reduzidos enquanto barreiras e empecilhos. Outrossim, há de salientar que tais obstáculos não se restringem apenas ao que a autora referenda como processos de circulação de riqueza e realização de valor, mas também, ao conjunto de mecanismos responsáveis pela construção e solidificação do processo de ensino e aprendizagem. Outro exemplo que bem caracteriza esse lacônico período é a ascensão da comunicação instantânea. O que antes demandava tempo, hoje pode ser realizado de maneira súbita, repercutindo diretamente no modo pelo qual nos envolvemos e nos relacionamos socialmente, dentro ou fora do ambiente escolar.

Esta instantaneidade acaba por, também diretamente, encurtar distâncias e estreitar relações. Marcondes Filho (2002) aprofunda a discussão ao descrever que as tecnologias enquanto recurso da modernidade acaba tornando os homens cada vez menos sociais, pois, os diálogos passaram a ser tecnológicos e os encontros abdicam de contatos físicos; as relações de trabalho por vezes dispensam interlocutores e o atendimento on-line em lojas de departamento possibilitam a comercialização de produtos a distância. Essa facilidade de acesso, desenvolvimento e manuseio de ferramentas, se encontram também presentes nos sistemas de ensino.

Conforme Araújo e Felipe (2007a, p. 10), a interatividade se tornou a forma central de relação na contemporaneidade, permitindo, através de algum sistema tecnológico, a interação entre indivíduos ou com as próprias máquinas. Em suma, na sociedade tecnológica, as relações humanas são cada vez mais valorizadas se a intermediação acontecer com as tecnologias.

Ao repensar a prática pedagógica em sala de aula como um novo paradigma do processo de ensino, faz-se necessário estabelecer o contexto estabelecido pelo uso das TIC's em meio a formação e atuação docente. A necessidade de sua implementação requer, acima de tudo, um repensar dessa prática pedagógica, como bem explicita Aguiar (2008, p. 65), ao requerer uma mudança que considere os interesses do aluno, em que o aprender não está

centrado no professor, mas sim, no processo ensino-aprendizagem do aluno. Há de se enaltecer que, a participação dos professores e o uso de práticas pedagógicas adequadas determinam a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades cognitivas dos alunos.

Lima et al. (2007), ressalta a importância da inserção da tecnologia na educação e no processo de ensino em face de sua presença em todas as instâncias da sociedade. Para os autores, a tecnologia é indispensável na formação do cidadão no mundo globalizado e a escola precisa se adequar para atender a essa nova realidade. Nesta perspectiva, o uso das tecnologias como ferramenta didática podem ocasionar mudanças significativas no comportamento e no processo de ensino aprendizagem dos alunos e necessita, indissociavelmente, que os professores estejam preparados para utilizá-las de modo a lograr o êxito esperado.

Figura 1 - Tecnologias da Informação: novas práticas em sala de aula.



Fonte: Dreamstime.com (2016).

O novo modelo educacional é marcado por transformações no âmbito pedagógico. Essa transformação é caracterizada por tendências que compõem uma nova prática escolar e os pressupostos de aprendizagem a ela associados. Uma dessas tendências é o que conhecemos como nova pedagogia, que se contrapõe ao método tradicionalista de ensino, no qual o professor transmite os conteúdos e os alunos apenas os escutam. Na nova pedagogia, conforme descreve Prensky (2010, p. 201), as crianças ensinam a si mesmas com a orientação do professor, isto é, uma combinação de aprendizagem centrada no aluno, assim como o professor também aprende, ao ensinar. Todavia, a inserção dos recursos tecnológicos neste

modelo de aprendizagem deve ser cuidadosamente planejada, caso o contrário poderá se tornar um empecilho, ao invés de um auxílio.

Essas novas ferramentas, ao serem inseridas como instrumentos auxiliares da prática docente, estabelecem uma relação de ensino-aprendizagem diferenciada. É sabido que, até pouco tempo, para se escolarizar uma criança era necessário o uso de livros didáticos, dicionários, enciclopédias e materiais lúdicos. Hoje, com o advento da tecnologia e principalmente da internet, outros meios se encontram disponíveis. Araújo e Felipe (2007b, p. 7), atentam para os novos *parâmetros conceituais*¹ (grifo nosso), e que modalizam a prática do educador através das novas formas e usos desses recursos, assim exemplificados:

- 1) Na área da informática: programas de computador (softwares), comunidades virtuais (redes sociais), meios instantâneos de comunicação (sites, blogs e portais);
- 2) Na área das telecomunicações: celulares multifuncionais (smartphones), câmeras digitais (fotográficas e videográficas), reprodutores de áudio e vídeo (mp3 ou mp4);
- 3) Nos meios de comunicação: canais por assinaturas, TV digital, cinema, jornais e revistas on-line, entre outros.

Figura 2 - Tecnologias: novas recursos, novas aprendizagens.



Fonte: Araújo e Felipe (2007b).

¹ **Mediatização:** conceito que, ao ampliar as práticas docentes na Sociedade Tecnológica, refere-se, basicamente, a três dimensões: (1) produção de materiais didáticos tecnológicos; (2) constituição de um usuário ativo e crítico dos meios; (3) mediação entre esses meios (ensino) e os alunos (aprendizagem); **Autodidaxia:** conceito que, ao inserir os alunos nesse contexto tecnológico que já domina o âmbito social e escolar, refere-se, essencialmente, ao delineamento dos “novos modos de aprender”, a partir da autoaprendizagem diante de uma educação mediatizada.

Considerando tais possibilidades, Garcia (2013, p. 30), enaltece a necessidade de escola e professores explorarem o conhecimento que possuem em meio a esses inúmeros instrumentos ora enumerados, permitindo assim novas formas de ensinar e aprender, bem como, através da possibilidade de incluir os alunos que ainda detêm do acesso a essas novas tecnologias, já que, infelizmente, a desigualdade social nesse âmbito ainda é muito elevada. Essa *inclusão tecnológica* (grifo nosso) é outro ponto de extrema importância elencada pela autora, ao enfatizar que a utilização das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem pode ser assim considerada como um trabalho social, cujo objetivo busca, além de proporcionar novas possibilidades de ensino, eliminar as barreiras sociais, culturais ou intelectuais que possam vir ainda a existir.

Em meio à nova configuração pela qual se estabelece o processo de ensino, baseado na evolução e no acesso aos inúmeros recursos tecnológicos disponíveis, os núcleos, docente e pedagógico têm refletido acerca da necessidade de uma atualização constante desses profissionais, preparando-os criticamente para atuar de maneira adequada, principalmente em decorrência do emprego dessas novas tecnologias. Sampaio e Leite (2010, p. 15), enaltecem essa necessidade de proporcionar subsídios que possibilitem aos docentes se sentirem capazes de utilizar pedagogicamente as tecnologias na formação de cidadãos que deverão produzir e interpretar as novas linguagens do mundo atual e futuro.

Nesse viés, as autoras reiteram que, operativamente, os motivos pelos quais a alfabetização tecnológica se processa os preparam gradativamente para atender algumas demandas, das quais enumeram: a) a constituição de duas habilidades (conhecimento e técnica); b) a ampliação dos horizontes dos professores para além da leitura de linguagem; e c) a configuração de um processo de aperfeiçoamento constante e contínuo. Para Brito, Cabral e Oliveira (2015, p. 3), essa preparação contínua visa formar o profissional crítico e autônomo para atuar em uma escola que possa proporcionar a inclusão de todos a um mundo de larga produção e distribuição de informação e conhecimento.

Libâneo (2000), atenta para a necessidade de se compreender que a integração das tecnologias não é mais uma simples opção para os professores, mas sim, uma necessidade que se intensifica dia após dia e deve servir de complemento e apoio para eles, se estabelecendo ainda como uma forma de interação, antes quase nula. Ratifica ainda que os profissionais da área de educação precisam ter algum conhecimento sobre a utilização dessas tecnologias, pois ao estarem inseridos na era da informática, o domínio do código da linguagem tecnológica os permitirá interagir com o mundo de maneira mais crítica, reflexiva e participativa (LIBÂNEO, 2000, p. 58).

Eis que se explicita a necessidade da alfabetização tecnológica dos educadores. Ao tempo em que se aplicam novas tecnologias em seus trabalhos novos serão os métodos e as técnicas utilizadas durante o planejamento e execução das aulas. Sua presença, conforme descrevem Silva, Menezes e Araújo (2010), impulsionam a exigência de uma alfabetização tecnológica e a redefinição da formação de professores, a qual deve propiciar aos mesmos o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a inserção dos meios tecnológicos na educação como ferramenta de ensino. De mesmo modo, para Belloni (2008, p. 85), a formação inicial de professores tem, pois, que prepará-los para a inovação tecnológica e suas consequências pedagógicas e também para a formação continuada, numa perspectiva de formação ao longo da vida.

É comum vermos, independente da fase de ensino, crianças e adolescentes, cada vez mais familiarizados com as novas ferramentas tecnológicas. Esta adaptação prematura, muitas das vezes, ocorre sem a interferência da família ou da escola. Considerando estas premissas cabe a nós educadores estarmos atentos as necessidades advindas dessa antecipação que ora ocorre. Segundo Tardy (1976, p. 26), através do cinema e da televisão, se constata uma defasagem entre o que os alunos sabem e o que os professores sabem. Em sentido contrário, o autor destaca que o professor é o ignorante e que os alunos é que detém o conhecimento das mensagens visuais. Essa inferência nos remete ao que predispõe a nova pedagogia, ao estabelecer que os professores precisam, senão ultrapassar, pelo menos alcançar seus alunos, equiparando o conhecimento e o domínio sobre os recursos tecnológicos.

Landim Neto e Barbosa (2010, p. 172), discorrem acerca da democratização do conhecimento proporcionada pela mídia e a característica dos alunos contemporâneos, onde, não há necessariamente a obrigatoriedade de estes estarem e apreenderem Geografia na escola, mas que estes aprendem cotidianamente através das informações divulgadas pela internet, televisão, jornais, revistas, entre outros.

Percebe-se assim que a escola e os professores necessitam promover uma redefinição dos papéis por eles exercidos nesse novo modelo de sociedade, que é a sociedade da informação. Esta redefinição ajudará não só os alunos, mas o próprio professor, no que se refere à reorganização (seleção, análise e interpretação) dessas informações (mensagens, notícias ou reportagens), percebendo suas ideologias, distorções e imprecisões geográficas apresentadas, como estabelecido.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), abordam a proposta da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia, ao enfatizar as eminentes questões geográficas e educacionais, baseadas no método da análise, tal que, os aspectos e conceitos concernentes a

Geografia sejam considerados conforme preceitos estabelecidos, que objetivem através da pesquisa, consolidar o ensino e a aprendizagem. Para os autores, a ideia é explorar em cada um dos filmes, como maior ênfase, um desses aspectos. O professor, junto com os alunos, poderá selecionar filmes compatíveis com a programação da disciplina escolar (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 265).

Todavia, há de se considerar que, a escolha do filme não pode ocorrer indeliberadamente. É preciso planejamento, e acima de tudo, o professor precisa conhecer a linguagem cinematográfica abordada. Tais peculiaridades possibilitam ao professor promover um ensino e, conseqüentemente, uma discussão junto aos alunos frente à temática proposta, viabilizando uma percepção diferenciada sobre o tempo e o espaço geográfico em análise, no filme.

1.3 Educação e o Audiovisual: Cinema, Televisão e Internet

Ao tratarmos da educação mediante a utilização dos recursos audiovisuais, não podemos deixar de novamente considerar o advento tecnológico recente como o principal elemento causador dessa unidade. No ensino da Geografia esta harmonização não é diferente. Essa assertiva pode ser conciliada conforme descreve Santos (2014, p. 60), ao discorrer que o advento das tecnologias possibilita que as pessoas vivenciem um mundo de modo mais próximo, provocando familiaridades antes impossíveis entre determinados lugares e suas representações pelos meios de comunicação.

Conforme afirma Cavalcanti (2008, p. 16), as tecnologias da informação e comunicação exercem um papel de excelência frente ao processo de aprendizagem, já que: a quantidade de conteúdo disponível ao aluno passa a ser global e, praticamente, instantânea. Entretanto, a autora enfatiza, e alerta, sobre os riscos de os recursos audiovisuais se tornarem elementos de *universalização dos gostos* (grifo da autora). De tal modo, há de se considerar que o uso e a aplicação das TIC's no processo de ensino apresentam-se como um recurso didático essencial para o ensino de Geografia.

Silva et al. (2014, p. 2), contempla a prática do audiovisual no ensino como uma ferramenta cada vez mais crescente entre os docentes, no entanto, este instrumento ainda é considerado como um desafio por parte dos professores que pretendem utilizá-lo. Assim como

Cavalcanti (2008), Campos (2006, p. 1-2), atenta para os transtornos que podem ser causados pela inserção do audiovisual em sala de aula, tanto para os alunos, quanto para os professores, como por exemplo, a reprodução de filmes, que na maioria das vezes são longos e demandam muito tempo para apresentação, discussão e análise da temática proposta. E, discorre ainda sobre a prática comum de se exibir um longa-metragem como forma de substituir a lacuna ou a ausência de profissionais, ou até mesmo a deficiência de uma aula planejada com antecedência pelo docente. É de extrema relevância considerar que o filme não é um substituto do professor e que seu uso não pode ocorrer de maneira aleatória.

Nesta perspectiva, o uso dos recursos audiovisuais deve ser contemplado dentro da proposta pedagógica estabelecida pelas escolas e os professores devem estar preparados para seu uso quanto pertinente a proposta de ensino abordada. Ferreira (2010) salienta a ligação existente entre os recursos audiovisuais – filmes, seriados e documentários – e a televisão, e estes por sua vez, intrinsecamente relacionados a um momento de lazer, de entretenimento, e os professores devem se valer dessa característica para desenvolver a atividade pedagógica de modo a possibilitar sua prática como um fator motivador para os alunos. Essa expectativa acentua-se já que:

Os recursos audiovisuais partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo. Mexem com o corpo, com a pele – tocam-nos e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do Zoom, do som envolvente. Nos recursos audiovisuais, sentimos, experimentamos, temos sensações sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos (FERREIRA, 2010, p. 23).

Os recursos audiovisuais, como enfatizado por Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 263), podem enriquecer o trabalho pedagógico dos professores, desde que utilizem estes recursos como um instrumento auxiliar para a reprodução do conhecimento, ajudando o aluno a compreender o mundo em que vivem. Os autores justificam essa possibilidade em face das informações chegarem de forma muito rápida aos alunos por meio da televisão, do cinema, do rádio, do vídeo, do computador (...), em decorrência da globalização, cada vez mais intensa frente a sociedade contemporânea.

Como consequência desse novo cenário que se configura, o professor se encontra incumbido de preparar os alunos a devida utilização desses recursos, de modo que esses consigam diferenciar quais instrumentos ou mídias podem servir como fonte de informação, de conhecimento ou como um simples meio de entretenimento. Nesta perspectiva, ao

discorrer sobre o uso do audiovisual como recurso metodológico auxiliador da fixação dos conteúdos abordados em sala de aula, Tonini (2011, p. 94-95) evidencia que:

A centralidade da mídia na construção do conhecimento e da formação das subjetividades tem consequências importantes para educação por gerar gêneros discursivos e comportamentais (...) se antes os estudantes construam seus conhecimentos principalmente a partir de conteúdos provindos de instituições tradicionais consolidadas (escola, família, clubes, etc.), atualmente são outros espaços sociais que constroem conhecimentos. As culturas midiáticas, as comunidades virtuais, entre outros, são exemplos disto, sendo espaços sociais que se diferenciam dos tradicionais por seu caráter mais volátil e cambiante. Assim, a mídia é um acontecimento performativo ao buscar dar sentido a modos de pensar, de ser, de estar no mundo.

Esse novo sentido mencionado pela autora se torna evidente a partir do momento em que se percebe a mudança de comportamento por parte dos alunos quando se é aplicado uma metodologia diferente da tradicional; quando o professor leva até a sala de aula um tipo de recurso diferente daqueles tradicionalmente utilizados, este por sua vez, possibilita uma forma diferente de fazer com que os alunos compreendam sobre o conteúdo abordado na sala de aula, e é evidentemente perceptível a forma como os alunos se sentem atraídos por essa metodologia.

Professores e pesquisadores consideram os recursos audiovisuais como uma fonte de informação tão válida quanto qualquer outra. Entre estes recursos, as obras cinematográficas são entendidas como possibilidades de pesquisa em decorrência de os filmes, como fontes, são tecnologias nas quais podemos identificar: traços históricos de uma época, o que nos é comunicado e informado em imagem, luz e som, assim como, por meio da abordagem construída como tese, a partir de certos pontos de vista de um diretor, é possível identificar aspectos de uma dada sociedade, tempo e lugar (ARAÚJO; FELIPE, 2007c, p. 3).

De tal modo, seguindo este raciocínio, cabe destacar que o audiovisual representado através das obras cinematográficas representa um espaço no qual os alunos, mediante acompanhamento de seus professores, podem identificar, compreender e se manifestar sobre os questionamentos que possam ser feitos, utilizando-se da imagem, seja ela através das salas de cinema, das emissoras de televisão ou dos discos digitais de vídeo (DVD), comuns nas escolas. Em suma, os recursos audiovisuais, neste caso, as produções cinematográficas (filmes, seriados e documentários), possibilitam aos alunos conhecer, como descreve Araújo e Felipe (2007c), os aspectos visuais e sonoros de uma determinada época, bem como, as

dimensões sociais e naturais de um determinado lugar e os conceitos que, direta ou indiretamente, definem uma determinada sociedade ou ambiente.

Sobre a diversidade de possibilidades concernentes as produções cinematográficas, Freitas (2003), as caracterizam como uma rede de comunicação relacional, representada por sistemas de difusão e recepção, assim descritas:

O cinema: técnicas de difusão de imagens obtidas através de um procedimento químico, têm por suporte as bobinas de formato 35 ou 70 mm e cujo local de projeção pode ser as salas ditas de arte, tradicionais ou multiplex; **o vídeo:** a venda e o aluguel de cassetes e discos se baseiam sobre um suporte de projeção que consiste em uma tela de televisão ordinária ou de alta definição e sobre os espaços de exibição não especializados como os aviões, trens, museus, praias, etc.; **a televisão:** técnicas de difusão de imagens e de som que são de natureza eletrônica (cabo, satélite e rede hertziana) e os suportes de projeção idênticos aqueles do vídeo, telão de alta definição ou televisão hertziana; **a internet:** técnicas de difusão de imagens projetadas sobre uma tela de computador através de carregamento pago ou não (FREITAS, 2003, p 25-26).

De fato, essa variedade e sua disponibilidade, podem facilitar a atividade pedagógica dos professores e facilitar a compreensão por parte dos alunos. No entanto, devem ser considerados alguns aspectos de extrema relevância, tais como:

Fragmentação: o tempo de um filme e o tempo da aula são, de fato, incompatíveis, independente de seus vários formatos (curta, média e longa-metragem); **sobreposição de vozes:** é necessário que à voz do filme não sejam sobrepostas outras vozes que interfiram e anulem o que está sendo apresentado, tal como, conversas paralelas ou discussão coletiva; **ambiente e luminosidade:** vincula-se à incompatibilidade entre a linguagem do cinema e a configuração espacial-tecnológica de uma sala de vídeo, pois ao contrário da sala de cinema, a sala de aula é marcada por uma luminosidade diferenciada (ARAÚJO; FELIPE, 2007c, p. 9-11).

Estes aspectos, ligados aos sistemas de difusão e recepção das produções cinematográficas, caracterizam e condicionam o exercício docente. De certa forma, as potencialidades educacionais dos recursos audiovisuais se configuram no cotidiano escolar como instrumentos ilimitados, porém, variáveis. Sua operacionalidade, por mais simples que possa ser, estabelecem pressuposto limitantes, tanto de caráter positivo, quanto negativo, dependente da proposta educativa estabelecida pelo professor.

2 GÊNEROS TEXTUAIS, CINEMA E GEOGRAFIA NA ESCOLA

A relação entre Cinema e Educação apresentada como proposta educativa oportuniza a discussão e a aplicabilidade dos recursos audiovisuais no ambiente escolar e desenvolvem uma intensa reflexão sobre seu uso como método de ensino e de aprendizagem. Em face dessas características, cabe a necessidade de se avaliar a possível organização composicional, isto é, a estrutura e os recursos linguísticos e extralinguísticos apresentados pelos diversos gêneros textuais existentes, e suas semelhanças, elementos responsáveis pela compreensão do roteiro e do contexto literário estabelecido na produção cinematográfica.

2.1 Gêneros e Cinema na Escola: um Mundo Que Encanta E Fascina

A princípio, para se discutir a relação existente entre Cinema e Educação com base em sua organização composicional, se torna necessário discutir algumas noções referentes as teorias dos gêneros, vinculadas ao estudo da linguística. Essa discussão pode ser considerada uma tarefa difícil, em virtude da uma forte resistência apresentada por boa parte dos alunos. A reprodução das ideias estabelecidas pelos alunos, num primeiro momento, ocorre

naturalmente, no entanto, o ato da leitura e a consequente reprodução de textos, para muitos, ainda é considerada uma atividade efetivamente complicada e desagradável.

Para que seja possível tornar a leitura e a produção de textos uma prática rotineira e aprazível, há de se estabelecer a promoção e a conexão entre a linguagem e os diferentes tipos de textos, de modo que este, por sua vez, oportunize a viabilização e compreensão linguística referenciada por meio dos distintos gêneros textuais aplicáveis. Conforme Caldas e Arnoni (2007), a linguagem existe a serviço da comunicação e exerce a função de mediação nas práticas sociais feitas por meio da palavra e da capacidade humana de articular significados; não obstante, o texto é a base do ensino e da aprendizagem e durante muito tempo foi aplicado ao ensino, de maneiras diferentes.

Assim, se estabelece que:

Se a comunicação se realiza por intermédio dos textos, deve-se possibilitar aos estudantes a oportunidade de produzir e compreender textos de maneira adequada a cada situação de interação comunicativa. A melhor alternativa para trabalhar o ensino de gêneros textuais é envolver os alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar (CALDAS; ARNONI, 2007, p. 2).

Outro ponto de extrema importância, no que se refere a compreensão dos textos como objeto de estudo, está relacionado a diferenciação e classificação existente entre os tipos textuais e os gêneros textuais, de modo a se considerar sua principal função dentro do processo de ensino-aprendizagem, isto é, a interlocução, responsável não só por este procedimento, mas pelo desenvolvimento cognitivo dos educandos. De tal modo, a classificação textual se por meio da compreensão do que vem a ser os tipos textuais e os gêneros textuais, definindo assim, seus aspectos teóricos e metodológicos, como estabelecido por Marcuschi (2002), apresentado através do seguinte quadro:

Quadro 1 - Quadro Sinóptico: Tipos textuais x Gêneros Textuais.

Tipos Textuais	Gêneros Textuais
1- Constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1- Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio comunicativas;
2- Sequências linguísticas ou de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;	2- Textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3- Conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3- Conjunto aberto e ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4- Designações teóricas dos tipos narrativo, argumentativo, descritivo, injuntivo e expositivo;	4- Canais práticos de interlocução topologicamente variado de acordo com seus traços linguísticos;

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2002).

Para Caldas e Arnoni (2007, p. 3-4), trabalhar os gêneros textuais em sala de aula é uma excelente oportunidade de se lidar com a língua nos seus mais diversos usos do cotidiano, pois, através de sua função comunicativa, se torna possível produzi-los e compreendê-los de maneira adequada, conforme a situação em que se apresentar (concreta ou abstrata), sendo o envolvimento dos educandos nestas situações a melhor maneira de se trabalhar o ensino a partir dos gêneros textuais, como aqui proposto.

Em decorrência da variedade de canais práticos de interlocução apresentados dentre os gêneros textuais disponíveis, como apresentado por Marcuschi (2002) no quadro antecedente, Schneuwly e Dolz (2004), propõem que seja realizado uma divisão dos gêneros textuais de modo a agrupá-los conforme sua semelhança, isto é, suas características tipológicas e regularidades linguísticas, tal como suas designações teóricas, também apresentadas no quadro antecedente, são eles: a narração, a exposição, a argumentação, a instrução e o relato, ilustrados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Gêneros que circulam com frequência na sociedade.

Domínios Sociais de Comunicação	Aspectos Tipológicos	Capacidades de Linguagem Dominantes	Exemplos de Gêneros Escritos e Oraís
Cultura literária ficcional	Narrar	Mimese ² da ação através da criação da intriga no domínio verossímil.	Contos, fábulas e lendas, enigmas e místicas, ficção científica, narrativas de aventuras, histórias engraçadas , biografias, novelas, crônicas literárias, adivinhas e piadas (grifo nosso).
Documentação e memorização das ações humanas	Relatar	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida ou de uma viagem; diário íntimo, testemunho, anedota, autobiografia, Curriculum, notícia ou reportagem, crônica social ou esportiva, relato histórico, ensaio ou perfil biográfico e biografia.
Discussão de problemas sociais controversos	Argumentar	Sustentação, refutação e negociação de tomada de posição	Carta de leitor, de reclamação ou de solicitação, textos de opinião, diálogo argumentativo, deliberação informal, debate regrado, assembleia, discurso de defesa ou de acusação (Advocacia), resenha crítica, artigos de opinião ou assinados, editorial ou ensaios.
Transmissão e construção de saberes	Expor	Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Textos expositivos (em livro didático), seminários, conferências, comunicações ou exposições orais, palestras ou entrevistas de especialistas, verbetes, artigos

² Figura que se baseia no emprego do discurso direto e essencialmente na imitação do gesto, voz e palavras de outrem.

			enciclopédicos, resenhas, textos explicativos, tomada de notas, resumo de textos expositivos e explicativos, relatório científico e relatório oral de experiência.
Instruções e Prescrições/ Descrever Ações	Instruir	Regulação mútua de comportamento	Instruções de montagem, receitas culinárias, regulamentos, regras de jogos, instruções de uso, comandos diversos, textos prescritivos, etc.

Fonte: Adaptado de Schneuwly e Dolz (2004).

Entre os domínios sociais de comunicação apresentados, cabe destaque a cultura literária ficcional, no qual, mediante seu aspecto tipológico narrativo, se apresenta como uma das situações concretas das quais os gêneros textuais se denotam como possibilidade de produção do conhecimento. Neste domínio, inserem-se os estudos desenvolvidos através da análise e compreensão das produções cinematográficas, em meio a dimensão textual e discursiva estabelecido pelos interlocutores, os personagens.

A cultura literária ficcional, ou simplesmente gênero ficcional, traz consigo o seio da arte cinematográfica e a responsabilidade de estabelecer não apenas um momento de lazer aos expectadores, mas possibilitar aos educandos no ambiente escolar a contemplação de um bom trabalho intermediado por este gênero textual. Mello, Mokva e Confortin (2014), aborda este encargo ao discorrer que, indispensavelmente:

Contemplar um bom trabalho por intermédio do gênero textual filme é resgatar, nas escolas, uma ferramenta que pode ser um alicerce na compreensão, interpretação e leitura de mundo. O filme, sob tal perspectiva, além de constituir-se como texto de interação prazerosa, proporciona uma interação reflexivo-pedagógica, pois habilita para a ocupação de dois sentidos na apreensão das informações: a audição e a visão, tornando a abstração mais ampla e consistente (MELLO; MOKVA; CONFORTIN, 2014, p 78).

No entanto, o autor estabelece que:

Além da abstração, a partir do momento em que o aluno consegue relacionar o filme com suas leituras de mundo, ler as entrelinhas, estabelecer um diálogo entre textos pré-existentes em sua memória, – intertextualidade, fazem dele um espectador ativo e responsivo e carrega consigo a responsabilidade do complexo meio da comunicação, da cultura de massa, da indústria de lazer, além de oferecer obras tecnicamente sofisticadas através da câmera (MELLO; MOKVA; CONFORTIN, 2014, p 78-79).

E nesta perspectiva o gênero ficcional e a arte cinematográfica, em meio aos variados procedimentos didático-pedagógicos, desenvolvem um trabalho diferenciado quando bem abordado no ambiente escolar. Justifica-se tal afirmativa ao considerar que, é na adolescência, que estas produções se encontram mais presentes no cotidiano dos alunos e são responsáveis pelo aprimoramento do senso crítico através da ludicidade.

2.2 GÊNERO FICCIONAL: O FILME DE ANIMAÇÃO A ERA DO GELO 4

A discussão mediada a partir da concepção do Gênero Ficcional, como bem frisado por Balogh (2002, p. 37; 43), nos remete a imagem ou memória da ficção, seu conceito e relação tradicional, apresentado através do discurso narrativo. As constantes variações e/ou inserções simultâneas do real e do ficcional das produções cinematográficas fez com que este termo substituísse o consagrado fictício, assim descrito pela autora. Esta mescla, conforme Rey (1997), possibilita caracterizar os formatos pelo qual se classifica e se subdivide os gêneros fílmicos-ficcionais, podendo ser concebido entre os gêneros, assim definidos pelo autor:

Quadro 3 - Gêneros, suas características e subdivisões.

Gêneros	Características	Subdivisões
- Drama;	- É um gênero e também um condimento, tempero, para qualquer outro. Os personagens pensavam pouco e agiam muito. A tônica, tensão dramática, levava sempre às lágrimas. Fazer chorar era a meta do drama. Envolvendo ação ou não, psicológicos ou não	- Biográfico; - Histórico; - Social ou político; - Religioso; - Musical; - Bélico.
- Comédia;	- A comédia, rotulada de gênero leve, pode ser veículo de mensagens muito sérias. Há as comédias ligeiras, destinadas só ao riso; as irônicas, mais intelectualizadas, que não chegam a provocar gargalhadas; e as sarcásticas, voltadas objetivamente à crítica política, social, religiosa etc.;	- Romântica; - Policial; - Musical; - Aventura; - Histórica; - Horror; - Bélica.
- Policial;	- Trata-se dum gênero antigamente desqualificado pelo preconceito, nasceu como entretenimento de homens voltados para outras paixões literárias ou especulativas e possui elementos preponderantes de drama ou comédia;	- Detetivesco; - Criminalístico; - Jornalístico; - Submundo; - Espionagem;

- Aventura;	- Um gênero literário que empolgou o mundo e o cinema. Sua mola propulsora era a exploração do desconhecido, florestas impenetráveis e misteriosas, mares desconhecidos, desertos e geleiras;	- Científica; - Histórica; - Romântica; - Banguê-banguê; - Ficção científica;
- Horror ³ ;	- Gênero cinematográfico que parecia extinto após os Frankensteins e Dráculas dos anos 30. Atualmente as portas estão abertas para todas as formas de monstros, em filmes, desenhos e comerciais de tevê. É um gênero que combina bem com a comédia;	
- Musical;	- Os musicais foram o prato forte do cinema nacional nos áureos tempos da chanchada, que não subsistia sem música, sendo na maioria das vezes <i>shows</i> carnavalescos filmados. Apenas muito mais tarde gênero cresceu ganhando contornos de espetáculo, geralmente caros e sofisticados, baseados em figuras literárias;	- Musical-Revista; - Biográfico; - Fantástico; - Adaptação de romances - Adaptação de peças teatrais; - Desfile de sucessos musicais.
- Infante-Juvenil ³ ;	- Programas infantis, não fundamentados em ideias, mas em apresentadoras famosas ou a caminho do estrelato. São uma calamidade cultural, feitos exclusivamente para olhos e ouvidos, o maior sintoma de robotização dos tempos atuais a serviço exclusivo da divulgação de produtos comerciais;	

Fonte: Adaptado de Rey (1997).

A escolha do gênero é considerada pelo autor apenas uma questão de rótulo. A existência de muitos gêneros de ficção e a possibilidade de mescla entre estes revelam o desconhecido, tornando a produção atraente aos olhos dos expectadores e dos críticos.

Napolitano (2003), diferentemente de Rey (1997), caracteriza e classifica os formatos pelo qual se subdivide as produções em metagêneros. Os metagêneros constituem-se numa fragmentação na qual se classificam quatro grandes grupos de gêneros, dos quais exprimem características específicas, sendo eles: o drama, a comédia, a aventura e o suspense.

Quadro 4 - Metagêneros, suas características e subdivisões.

Metagêneros	Características	Subdivisões
- Drama;	- São histórias centradas em conflitos individuais, provocados por profundos problemas existenciais, sociais ou psicológicos, além do dissenso amoroso ou efetivo e geralmente começam com um conflito que pode ou não ser resolvido no desfecho;	- Romântico; - Existencial; - Psicológico; - Guerra;
- Comédia;	- São narrativas que têm por finalidade provocar risos na plateia, pois retratam situações patéticas, jogos de linguagem verbal ou peripécias que levam a mal-	- De costumes; - Paródica;

³ O Autor não apresenta uma subdivisão específica para os gêneros Horror e Infante-Juvenil, mesmo caracterizando-os, como pode ser visto no Quadro 3.

	entendidos;	- Romântica;
- Aventura;	- São histórias narradas em ritmo veloz e encenando situações limites de risco ou morte, com intenção de provocar efeito físico e sensorial no espectador, com o predomínio da ação, na qual se envolvem conflitos físicos e/ou opondo o bem contra o mal;	- Western (filmes de Cowboys); - Ficção científica; - Policial; - Guerra;
- Suspense ⁴ ;	- Nestas histórias a trama é mais importante do que a ação, devido o mistério a ser desvendado, cujo ponto máximo é a tensão que o espectador experimenta ou o susto repentino em determinada sequência;	

Fonte: Adaptado de Napolitano (2003).

Napolitano (2003) enaltece a possibilidade de estes metagêneros, assim como os gêneros apresentados por Rey (1997), podem aparecer mesclados, porém, neste caso estes podem aparecer também fragmentados. Em suma, isto significa que mais de um gênero pode ser representado numa mesma produção ou um destes subdividido em gêneros mais específicos.

O filme “A Era do Gelo 4”, segundo a concepção de Napolitano (2003), apresenta em sua narrativa ficcional características específicas do metagênero comédia de costumes, no entanto, considerando a recente releitura e renovação das técnicas de reprodução cinematográfica, este filme pode ser caracterizado e classificado pelo que hoje conhecemos como Cinema de Animação. Para Tassara (1996, p. 14), o Cinema de Animação se refere, especificamente, ao emprego das técnicas cinematográficas com esse mesmo objetivo: um caso especial de animação, dispendo de um caráter sedutor e instigante. O termo Animação, conforme descrito por Lucena Júnior (2001) tem origem no verbo latino *animare* (dar vida a), associada à idéia de imagens em movimento, assim descrito:

A animação, entretanto, como ilusão do movimento através da rápida sucessão de imagens, requeria um elevado grau de desenvolvimento científico e técnico para ser viabilizada enquanto arte – o que só vai acontecer no início do século XX. Para chegar a essa condição, esforços foram despendidos ao longo de três séculos. Apenas com o advento da ciência moderna, após o Renascimento, vai existir um ambiente propício para formulação de ideias que resultam nos primeiros dispositivos que apontam para as possibilidades de pôr em prática a animação que conhecemos (LUCENA JÚNIOR, 2011, p. 29).

⁴ O Autor não apresenta uma subdivisão específica para o metagênero Suspense, mesmo caracterizando-o, como pode ser visto no Quadro 4.

Perisic (1979, p. 7), declara que a animação é uma maneira de criar uma ilusão, isto é, a maneira de dar vida aos objetos inanimados, sejam eles objetos reais ou de simples desenhos. Ao considerar estas características, respectivamente descritas, é possível perceber que a animação não se constitui como um simples elemento artístico, mas como uma descrição para um conjunto de conhecimentos que se desenvolveram por anos, buscado por artistas que acreditavam que esta era a mais intensa forma de atração visual, se tornando a principal essência do Gênero Ficcional, do Cinema de Animação.

Figura 3 - Encarte da Mídia “A Era do Gelo 4”.



Fonte: <http://www.orientcinemas.com.br/filme/4051/a-era-do-gelo-4.html> (2016).

Varão (2012, p. 35), enquadra a franquia⁵ “A Era do Gelo” dentro da modalidade Animação Clássica, definida como uma técnica cinematográfica que tem como interface criar a ilusão de movimento, de vida, em um processo cuja existência se origina na ideia de um animador e, no elemento a ser animado, seja ele um desenho ou um objeto, mediante controle de cada quadro que irá compor o filme.

Essa modalidade tem em sua narrativa fílmica uma característica que se sobressai perante as demais, denominada por Jenks (apud. ECO, 2003) como Double Coding (Codificação Dupla), isto é, um discurso feito para dois públicos ao mesmo tempo, com códigos pensados para ambos, enfatizando ainda que, mesmo em meio a esta multiplicidade de códigos, eles não se tornam pré-requisito para o entendimento da obra como um todo.

⁵ Inferência necessária, de modo a destacar que a modalidade Animação Clássica não se restringe apenas ao filme “A Era do Gelo 4”, mas a todos o que compõem a franquia (A Era do Gelo 1, 2, 3, 4, e 5).

2.3 Entre a Produção e a Exibição: as Cenas e suas Subdivisões

Antes da exibição ao público, independentemente de seu gênero e/ou público alvo, as produções cinematográficas passam por um processo que, para muitos, é desconhecido. Para produção de um bom filme, alguns elementos devem ser devidamente considerados. Marcos Rey (1997), roteirista e produtor de cinema aponta que, para se produzir um bom filme é preciso partir de alguma coisa, alguma ideia. Para o autor (op. cit.) essa ideia é produto de três vertentes: a vivência, considerando que a ideia nasce/surge baseada em experiências vivenciadas, por si ou por outrem; a leitura, considerando que para ser um bom roteirista o sujeito precisa ler muito e se manter atualizado ante o meio literário; e a imaginação, elemento importante, responsável pelo transcorrer da trama, ao tempo em que se recria e personaliza sujeitos e/ou situações, concretas ou abstratas.

A ideia é a chispa, o heureka! Pode ser concebida no chuveiro ou enquanto você faz a barba. A *story-line* é a ideia já posta no papel com definição de gênero. Argumento ou sinopse já é a história detalhada, embora ainda sem os diálogos e o tratamento técnico específico do veículo. O resto é fácil. Bem, era o que eu pensava. O resto é tudo. (REY, 1997, p. 15)

Definida a *story-line*⁶, de maneira sequenciada essa boa ideia é ampliada, originando a sinopse, uma descrição das ações da história e/ou de seus personagens de maneira simplificada, e que é comumente apresentada também nos trailers e nos encartes das mídias digitais. A partir da sinopse, se desenvolve o argumento, momento em que são apresentadas as sequências do roteiro, as locações, os personagens e as situações, com pouca narração e sem diálogos. Posteriormente, é construído o roteiro final, oposto ao argumento, pois nesse é apresentado as cenas, as ações e os diálogos, detalhados, servindo como base para que o Diretor conduza os planos e sequencias que melhor se adequem as condições do momento, dando início as filmagens.

O filme, também independente de seu gênero, é constituído por cenas. Rey (1997, p. 36), aponta que dificilmente um filme tem menos de 150 cenas ou sequências; cada uma dessas cenas se divide em *takes* (tomadas); já os *takes* se dividem em *shots* (planos); os *shots*, por sua vez, determinam a linguagem a ser usada. O conjunto de informações pelo qual se configura o número de cenas, tomadas e planos, conduzem o expectador para o interior do

⁶ *Story-line* é a linha da história, o resumo. Mas resumo resumido, de no máximo seis linhas.

roteiro. O roteiro, como frisado, dependerá desta sequência e trará consigo a responsabilidade de possibilitar ao diretor demonstrar sua criatividade.

No caso do filme “A Era do Gelo 4”, o número de *shots* são dinâmicos e constituem-se por um conjunto de detalhes classificados de acordo com as necessidades da produção, sintetizados nos quadros a seguir:

Quadro 5 - Shots (planos) mais utilizados no filme.

Planos	Características
<i>Close-up (close)</i>	- Detalhamento de uma imagem, geralmente usado para dar ênfase ou ocultar algo ou alguém;
Plano Geral (<i>long shot</i>)	- Plano que inclui o cenário e os personagens envolvidos na ação, informando onde e como a cena acontece;
<i>Travelling</i>	- Momento em que a câmera acompanha o personagem, elemento ou objeto, na mesma velocidade em que se movimentam;
Plano médio	- Plano no qual a câmera foca o personagem da cintura para cima, sendo este usado com maior frequência;
Panorâmica	- Momento em que a câmera se movimenta de um lado para outro, passeando, investigando, descrevendo o local da ação;
Ponto de vista	- Usado para mostrar como o personagem, principal ou não, vê e se movimenta dentro do cenário;

Fonte: Adaptado de Rey (1997).

É no Plano Médio e na Panorâmica que nos detemos no filme a fim de compreendermos a categoria geográfica Paisagem, conforme veremos no capítulo, a seguir.

Outra característica dos *shots* enfatizada por Rey (1997) está relacionada ao início e o final de cada sequência filmada e editada. Os efeitos inseridos na sequência, como forma de caracterizar esses dois momentos e possibilitar a devida continuidade, podem ser classificados da seguinte maneira:

Quadro 6 - Efeitos aplicados no início e no fim de cada cena.

Efeitos	Características
Corte	- Passagem de uma cena para outra de maneira direta, seca e sem antecipação, dando a ideia de passagem de tempo;
Escurecimento	- Sequência na qual uma cena apresenta o efeito de escurecimento, enquanto a seguinte apresenta o de clareamento, se sobrepondo;
Fusão	- É a mistura de duas imagens, a nova sobrepondo-se à velha. É mais usado no cinema para iniciar um <i>flashback</i> , como a imposição de uma imagem-lembrança sobre o presente.

Dissolver	- Efeito pelo qual uma cena se inicia ou se encerra de maneira gradativa, uma dando lugar a outra, sem perda do sentido e da sequência. Sua repetição é cansativa e desaconselhável;
<i>Freeze</i>	- Recurso no qual ocorre o congelamento de imagem, seguido dum corte seco. Os personagens e tudo ao seu redor imobilizam-se por instantes, dando início ou finalizando uma sequência;
Ou	- Uma cena pode empurrar a outra até sua focalização total. Efeito mecânico demais, cansativo se aplicado repetidamente.
<i>Flash Back</i>	- Recurso narrativo pelo qual um personagem se reporta a uma memória ou quando conta a outros fatos que acrescentam informações ao discurso;
<i>Inserts</i>	- São tomadas, geralmente breves, colocadas no roteiro para lhes dar clima ou criar expectativas;

Fonte: Adaptado de Rey (1997).

Todos esses conjuntos e efeitos apresentados como interface da produção do Cinema de Animação tornou-se possível a partir do ano de 1940, com o surgimento do computador. No entanto, apenas em 1974 mediante o progresso da informática e das técnicas de animação, foi produzido aquele que viria a ser considerado o primeiro filme de animação feito com tecnologia digital.

Conforme Cardoso (2006, p. 20), após um longo processo de avanço da tecnologia dos equipamentos de computação e das técnicas de animação, tornou-se possível recriar no meio digital uma representação do mundo real de forma bastante convincente, porém com a possibilidade de poder manipular as barreiras impostas pelo mundo físico.

A partir do Plano Médio e da Panorâmica do filme podemos definir o conceito de paisagem como sendo para além do visível, pois ela se transforma pela ação humana e da própria natureza, em seu conjunto, compreendida pelos elementos naturais, incluindo o ser humano e sua ação transformadora do espaço geográfico e dele mesmo, como sujeito produtor da paisagem e, conseqüentemente, do espaço onde vive.

3 O (IN)VISÍVEL CONTIDO NA PAISAGEM: UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE EDUCACIONAL

As produções cinematográficas, assim como os livros didáticos, os materiais lúdicos e os recursos eletroeletrônicos são de extrema importância para a atuação docente no modelo pedagógico atual. Através deste recurso os professores, não só de Geografia, mas de outras áreas do conhecimento, podem trabalhar diversos conteúdos de maneira prática, dinâmica e atraente.

No caso do Ensino de Geografia, nosso objeto em discussão, o filme A Era do Gelo 4, tem sua representação neste capítulo ao buscarmos expor aos leitores algumas situações apresentadas em seu contexto fílmico, nas quais abordamos conteúdos pertinentes a algumas das categorias geográficas, as quais podemos abordar em seu roteiro, bem como, seus conceitos e a forma didático-pedagógica abordada na produção.

3.1 A Categoria Geográfica Paisagem no Filme ‘A Era Do Gelo 4’

As categorias geográficas, elementos indispensáveis a compreensão do objeto de estudo em Geografia, também são imprescindíveis para a execução de uma aula que tem como recurso base uma produção cinematográfica. Não obstante as demais, cada uma com sua importância e particularidades, nos remetem a uma atenção diferenciada, efetivada pela forma como é apresentada ou abordada no contexto fílmico.

A franquia “A Era do Gelo”, que em suas cinco produções, mas especialmente na versão a que nos detemos neste trabalho, o volume 4 busca sempre abordar diferentes temáticas pertinentes à Ciência Geográfica, e especificamente no ensino da Geografia, tende a atrair os espectadores por promoverem estas abordagens num ambiente paisagístico que faz jus ao seu título, de maneira análoga às situações vivenciadas por seus personagens, possibilitando uma amplitude de leitura que impressiona e satisfaz os que a fazem.

O ambiente no qual se dá a trama contém um elemento paisagístico, apresentado em sua produção e é considerado por teóricos como Milton Santos (2002), como um dos conceitos-chave em Geografia. Para o autor (2002, p. 66), a paisagem é constituída por um conjunto de forma que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. Conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma determinada área.

De certa forma, a maioria dos filmes produzidos a partir da técnica cinematográfica de animação tendem a chamar a atenção do público através do ambiente onde ocorrem e das relações nele desenvolvidas. O filme ‘A Era do Gelo’, como mencionado no capítulo introdutório, ocorre há aproximadamente 20 mil anos (A ERA, 2002). Em termos de tempos Geológicos, significa que a paisagem característica do filme se insere ao Éon Fanerozoico, Era Cenozoica, Período Quaternário, nas Épocas Pleistoceno e Holoceno (PRESS, et al. 2006).

Inconvenientemente, a sequência em que se desenvolve a franquia apresenta algumas contradições temporais, pois De acordo com a tabela geológica apresentada por Press (2006), a última Era do Gelo teve início a aproximadamente 1,8 milhões de anos e teve seu ciclo encerrado a 0,15 milhões (150.000 mil) de anos. Contudo, a sinopse da produção cinematográfica evidencia a história como tendo ocorrido num período de aproximadamente 20 milhões de anos (A ERA, 2002), bem antes de iniciar a última era glacial e milhões de anos após o término da última era glacial que a antecedeu, a 260 milhões de anos, entre o

Carbonífero e o Permiano (AVPH, 2001). Entretanto, a franquia demonstra certa dinamicidade em seu contexto fílmico.

Eis esta, uma temática interessante a ser trabalhada em sala de aula, haja vista sua importância frente à compreensão dos eventos que constituíram e que influenciaram o processo geológico de formação da Terra. Esses eventos e seus respectivos intervalos de tempo podem ser observados na tabela do tempo geológico abaixo:

Quadro 7 - Fragmento da Tabela do Tempo Geológico.

Éon	Era	Período	Época	Principais Eventos	Tempo (Milhões de anos)
Fanerozoico	Cenozoico	Quaternário	Holoceno	- Fim da Era do Gelo; - Expansão da Civilização;	$0,15 \pm 0$
			Pleistoceno	- Evolução dos humanos; - Início da Era do Gelo;	$1,8 \pm 0,5$
		Neogeno (Terciário)	Plioceno	- Ext. dos Grandes Mamíferos; - Surge o <i>Homo Habilis</i> ;	$5,3 \pm 1,8$
			Mioceno	- Primeiros rinocerontes, gatos, camelos, cavalos, símios e ursos;	$23,7 \pm 5,3$
		Paleogeno (Terciário)	Oligoceno	- Primeiros <i>Aegyptopithecus</i> ;	$36,6 \pm 23,7$
			Eoceno	- Primeiros elefantes, baleias... - Gelo na Antártida;	$57,8 \pm 36,6$
			Paleoceno	- Clima Tropical; - Primeiros Grandes Mamíferos;	$65 \pm 57,8$

Fonte: Adaptado de Press et al (2006).

Nesta perspectiva, para que sejam autênticas e dinâmicas, as paisagens necessitam projetar os resquícios do passado, assim como a percepção da antecipação do futuro. Nelas se espelham harmonia e contraditoriamente, o passado, o presente e o futuro, lembrando o que foram o que são e o que virão a ser. (ANDRADE, 2010, p. 14). Esta é uma peculiaridade da sequência, mesmo com os lapsos temporais e de elementos apresentados descontextualizados com o tempo histórico considerado na franquia.

De maneira didática, aprendemos quando criança que a paisagem é tudo aquilo que vemos, tudo o que podemos enxergar. Esse conceito é difundido nos livros didáticos e defendidos por parte da comunidade acadêmica. O conceito de paisagem é apresentado por Lygia Terra (2005), definindo ainda que a paisagem se constitui a partir da presença em diferentes escalas dos elementos naturais e culturais sobre os quais a sociedade interage e cuja percepção permite a leitura do espectador, perceptível pela presença de elementos resultantes das formações histórica, cultural, emocional, físico e natural da sociedade.

É plausível ressaltarmos, ao se discutir o conceito de paisagem relacionada as produções cinematográficas apresentadas em sala de aula, que esta categoria como elemento constituinte da concepção teórico-pedagógica do processo de ensino apresenta um caráter específico para a Geografia, defendido dentre as bases legais do sistema de ensino por poder ser utilizada pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. De tal modo, os PCN's definem a paisagem como sendo uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos, sendo estes, o passado e o presente. (BRASIL, 1998, p. 28).

Moreira (2008), explica essa unidade visível e sua representatividade. Ao explicá-la, discorre acerca do invisível, sua concreticidade e seus desafios, ao mesmo tempo em que enaltece o papel do geógrafo como personagem responsável pela sua compreensão.

Visível é o plano perceptivo do arranjo, o desenho configurativo pelo qual a paisagem de imediato se nos apresenta. Para apreendê-lo, o geógrafo deve saber lidar com a trama imediata das localizações, sabendo, entretanto, compreender que estas são pontos de referência cartográficos necessários à compreensão do encadeamento da organização do espaço e cuja dinâmica é o que precisa apreender. Invisível é o plano do para além do visto e do dito, plano metafísico da estrutura das relações que se manifestam nos padrões formais do visível, e que só alcança com o recurso do pensamento. (MOREIRA, 2008, p. 120).

Ainda sobre o olhar de Moreira (2008), ao discorrer sobre a paisagem como elemento influenciador do papel do geógrafo e da Geografia na história, coincidentemente a descreve como uma marca do mundo e que mais se parece com o desenho animado de uma tela de cinema. Tal coincidência se evidencia em face do curso temporal no qual a história de “A Era do Gelo 4” acontece, os desafios que o visível e o invisível proporcionam ao geógrafo. explicá-los, agora, não se limita a simplicidade de uma aula tradicionalista, mas se consolida como a forma em que o mundo é representado por meio da paisagem.

É elementar que as constantes mudanças possibilitam ao geógrafo a redefinição de sua capacidade de atuação, considerando a complexidade da vida social e reafirmação da sua capacidade de ler e explicar o mundo a partir da leitura do significado das imagens presentes na paisagem (MOREIRA, 2008, p. 122). Há que se considerar que, conforme descreve Pessoa (2009, p. 13), a paisagem formada exclusivamente por elementos naturais, praticamente não existe e que um determinado lugar não tenha sido diretamente tocado pelo homem, ele é objeto de preocupação políticas e econômicas, ou seja, ele está no centro de lutas pelo poder.

Ainda descrito por Pessoa (2009, p. 14), a paisagem é uma realidade estática, como a de uma fotografia e seu estudo permite desvendar algumas características de determinados períodos, como se o tempo histórico houvesse sido congelado em alguns objetos de outra época. No filme “A Era do Gelo 4”, contrariando o exposto, a paisagem não se apresenta tão estática, contudo, a possível leitura fílmica estabelecida também permite novas descobertas por parte do público, mesmo entre a discrepância de épocas, não interferindo na construção de novos conceitos.

Em uma leitura geomorfológica, as características da paisagem predominante no filme ‘A Era do Gelo 4’ é constituída pela formação de glaciais (figura 4), isto é, de geleiras. De acordo com Guerra (1993, p. 198), as geleiras são massas de gelo formadas em regiões onde a queda de neve é superior ao degelo e se encontram num lento movimento, que ocasionam de acordo com seus tipos, deslocamentos, destruição e construção em sua morfologia.

Figura 4 - Paisagem característica do ambiente em “A Era do Gelo 4”.



Fonte: A Era (2012).

Cabe ainda ressaltar que as formações glaciais de uma determinada região, considerando as diversas épocas e períodos da formação da Terra, deixam resquícios visíveis na paisagem, como descreve Guerra (1993, p. 220):

As glaciações deixam suas marcas impressas na paisagem por causa do efeito das geleiras. Como já dissemos, nas diversas fases da história física da Terra existiram períodos glaciais, cujas extensões foram, por vezes, universais, isto é, atingiram quase toda a superfície do globo, enquanto outros se restringiram apenas a certos locais.

Estes fenômenos descritos por Guerra (1993), no fragmento acima, podem ser observados nas células em destaque Quadro 7, ao referenciar o fim do Plioceno/início do Pleistoceno como a época na qual começaram as glaciações mais importantes, ocorridos

temporalmente no Período Quaternário, cujos efeitos caracterizaram-na como “ a última grande Era Glacial”.

Daí a importância em se trabalhar o contexto fílmico da franquia ‘A Era do Gelo’ em sala de aula. Além de importante, o filme possibilita a atração visual dos alunos, auxiliando não apenas na compreensão de sua temática, mas também na forma interpretativa de todo seu contexto, fílmico e didático.

3.2 Os Aspectos Naturais e a (Des/Re) Construção da Paisagem

Ao conceituarmos as características de um determinado ambiente, devemos considerar ainda as possíveis modificações a se estabelecerem sobre ele. O filme ‘A Era do Gelo 4’, em seu título original é denominado de “*Ice Age: Continental Drift*”, que traduzido, significa “A Era do Gelo: Deriva Continental”. Notoriamente, o título traduzido infere que o tema central abordado se refere ao processo de separação dos continentes, fenômeno esse amplamente discutido no meio científico.

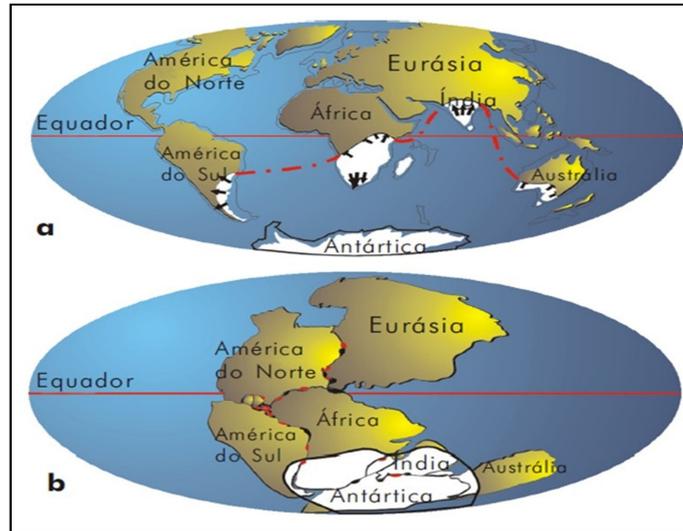
De acordo com a sinopse da produção, em busca de sua cobiçada noz, o esquilo Scrat provoca, sem querer, a separação dos continentes. Esta situação, conforme o roteiro do filme provoca diversas mudanças estruturais no terreno e proporcionando, ainda, uma aventura cheia de descobertas aos personagens Manny, Diego e Sid (A ERA, 2012).

Esse fenômeno denominado de Translação Continental, também conhecido como Teoria de Wegener, conforme narrado por Guerra (1993, p. 439), supõe que os continentes permaneceram agregados até a Era Paleozoica, no Período Carbonífero. Na Era Mesozoica, no Período Jurássico, teve início a separação dos continentes, tendo o grande continente *Pangeia* se fragmentado em dois grandes blocos: ao sul, a massa continental *Gondwana*; a norte, a massa continental *Eurásia*; e entre eles, se originou o Oceano Atlântico.

Para Press (2006, p. 48), o conceito de Deriva Continental existe há muito tempo, pois foi percebido por cientistas, entre os séculos XVI e XVII em que os continentes se encaixavam, como que um quebra-cabeças (figura 5), presumindo-se assim que as Américas, a Europa e a África estiveram unidas formando um único continente em uma determinada época. Todavia, essa hipótese só teve destaque no meio científico através das descobertas de Wegener em 1915, quando apresentou evidências que reforçaram essa teoria, das quais se destacam, além do encaixe das costas continentais, as similaridades marcantes entre as rochas,

as estruturas geológicas e os fósseis dos lados opostos do Atlântico, como é possível observar na ilustração a seguir.

Figura 5 - Evidências geológicas observadas por Wegener em 1915.



Fonte: Teixeira et al. (2009).

Na imagem acima, na ilustração (a), é possível perceber a distribuição atual das evidências geológicas de existência de geleiras há 300 Ma. Nela, as setas indicam a direção dos movimentos das geleiras. Já na ilustração (b), é possível observar a simulação de como seria a distribuição das geleiras, no tempo em que os continentes se encontravam juntos.

No filme, num primeiro momento, a separação dos continentes é iniciada de uma maneira cômica quando o esquilo-dente-de-sabre Scrat, conhecido pela incessante obsessão por uma noz, a enfoca no gelo que recobre a crosta terrestre, quebrando-a.

Posteriormente, já no contexto fílmico, a camada de gelo que recobre a crosta terrestre inicia o processo de ruptura no momento em que os personagens Manny, Ellie e Amora (uma família de mamutes) discutem a relação conturbada entre Pai e Filha. Em ambas as sequências (figuras 6 e 7) o resultado desta ruptura é a mesma: ocorre a fragmentação da superfície glacial e a consequente separação desta em dois blocos distintos, momentos estes que podem ser observadas nas imagens a seguir:

Figuras 6 e 7 - Sequência em que ocorre a ruptura da crosta e a separação dos continentes.



(Scratch e as peripécias com sua noz)



(Manny discutindo o comportamento de Amora)

Fonte: A Era (2012).

O ser humano, em um contexto estrito, é o principal causador das modificações e transformações visíveis nas paisagens. Como bem frisou Milton Santos (2012, p. 17), o mundo mudou e as transformações são cada vez mais intensas e velozes. No entanto, alguns fenômenos naturais também contribuem para que ocorra estas alterações. Conforme bem explicita Torrezani (2015a, p. 26), a ação da natureza está constantemente transformando as paisagens do planeta e estas modificações ocorrem pela ação de agentes externos, como os ventos ou as águas das chuvas e dos rios, ou ainda, devido a força da dinâmica interna da Terra, através dos vulcões e dos terremotos.

Seguindo o contexto fílmico, em A Era do Gelo 4, o processo de fragmentação dos continentes ocorre logo após um breve de tremor, isto é, um abalo sísmico, seguido de algumas sequências características de áreas de terremotos. Esta sequência é, no filme, constituída de deslizamentos de encostas e do avanço de grandes ondas no mar (figuras 8 e 9), todavia, este último, não chega a se configurar como um Tsunami, fenômeno comum decorrente de tremores em áreas oceânicas. Esse tremor, seguido dessa movimentação na área oceânica, faz com que o trio Manny, Diego e Sid fique preso em um iceberg, enquanto Ellie e Amora permanecem no continente.

Figuras 8 e 9- Sequência em que ocorre o abalo sísmico e uma grande onda na costa oceânica.



(Ellie e Amora se afastam da encosta que desmorona)



(Manny, Diego e Sid sendo afastados por uma onda)

Fonte: A Era (2012).

Conforme descrito por Guerra (1993, p. 413), os Terremotos são vibrações da camada da Terra produzidas pelo tremor e oriundas de fenômenos tectônicos ou vulcânicos e são produzidas por ondas longitudinais e transversais que se propagam em diferentes velocidades, ocasionando, quando em elevada magnitude, grandes estragos na paisagem e prejuízos para as populações afetadas. Torrezani (2015b, p. 24), descreve os Terremotos como sendo fenômenos que ocorrem nas regiões de limites de placas tectônicas, decorrentes da ação das correntes de convecção, tanto convergentes quanto divergentes, propagando-se entre as camadas de rochas do interior da litosfera até atingir a superfície na forma de tremores, descritos por Guerra (1993).

Como pode ser observado na figura a seguir, na continuidade da cena em que o abalo sísmico ocorre e que se inicia a fragmentação do lugar onde vivem os personagens (figura 10), também tem início uma nova estrutura de relevo, modificando a paisagem, originada por fortes pressões, que podem ser horizontais ou verticais, sobre as camadas rochosas da superfície terrestre.

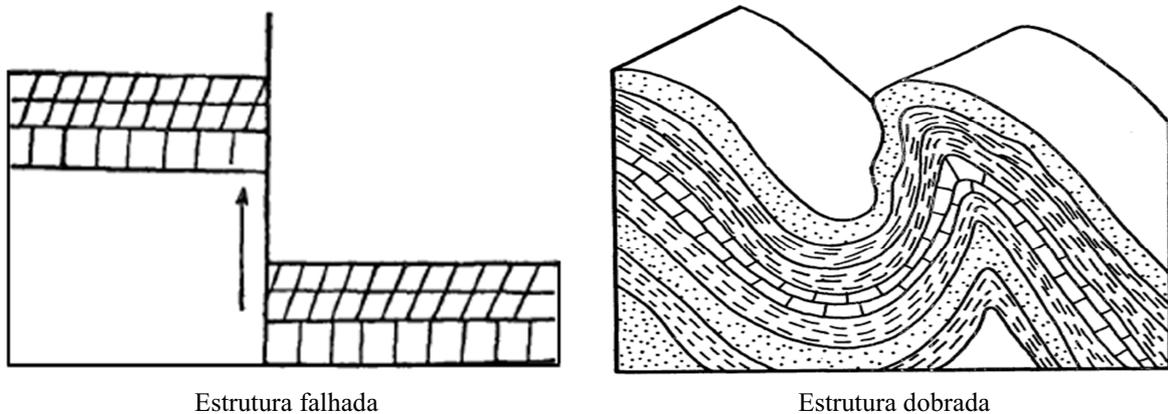
Figura 10 - Surgimento de uma nova estrutura de relevo na paisagem.



Fonte: A Era (2012).

Considerando esta modificação observada na imagem apresentada, Guerra (1993, p. 359), as diferentes formas de relevo têm sido explicadas segundo várias teorias e são resultados da atuação de forças endógenas (internas) e exógenas (externas), sendo, neste caso em evidência, sido originada por uma das forças endógenas existentes: o Terremoto, podendo ocorrer de maneira sucessiva ou simultânea. As camadas rochosas que tendem a sofrer com as pressões provenientes dos movimentos tectônicos podem, de acordo com a sua estrutura geológica, sofrer deformações. Estas deformações quando ocorridas sobre uma estrutura dura e rígidas ocorrem o processo de fratura, também denominada de falha. No entanto, se estas deformações acontecerem sobre uma estrutura rochosa menos resistente, este processo é denominado de dobras. Estas estruturas, de maneira didática, podem ser representadas a seguir.

Figuras 11 e 12 - Tipos de estruturas originadas por pressões sobre as camadas rochosas.



Fonte: Guerra (1993).

Complementando a compreensão acerca das estruturas rochosas e do processo responsável pelas modificações constatadas na paisagem, comparando ambas as possibilidades acima, é possível observar na figura 8 que a formação de relevo decorrente dos abalos sísmicos contextualizados na produção cinematográfica ‘A Era do Gelo 4’ é resultante do processo de faturamento da estrutura rochosa que, em síntese, se caracteriza pela ruptura e desnivelamento na continuidade das camadas que apresentaram certo grau de rigidez por ocasião dos movimentos tectônicos (GUERRA, 1993, p. 178), sendo reconhecidas, do ponto de vista morfológico, pelo aspecto que imprimem na paisagem.

Outrossim, a discussão apresentada no contexto fílmico de ‘A Era do Gelo 4’ não se restringi apenas a análise de conceitos diretamente relacionados ao estudo geográfico. Na história é possível observar ainda as relações desenvolvidas entre os personagens na natureza, caracterizando-se em um contexto semelhante ao desenvolvido em sociedade, já que, por mais que se trate de um filme de animação, os seres que nele interagem apresentam-se em um sistema passível a alterações, o que influencia diretamente no comportamento de cada um dos envolvidos.

3.3 As Relações Sociais Mediadas na Natureza

Ao se discutir, numa visão sistemática, as relações mediadas na natureza pelos seres que nela habitam são necessárias que se compreenda que a interferência exercida pelo homem sobre ela é indispensável para a continuidade do funcionamento da sociedade, conforme apresenta Aguilar (2009, p. 132). No entanto, é preciso lembrar que a natureza e seus recursos são esgotáveis e, ao tempo em que exercemos nosso meio de vida nos tornamos agentes ativos frente a esse processo de transformação. É importante ressaltar ainda que, mesmo sendo os seres humanos os agentes responsáveis pelas modificações ocorridas na natureza, é também nela que as relações sociais, afetivas e culturais se desenvolvem.

Seguindo este contexto é possível acompanhar dentro da sequência que acontece a dinâmica entre os personagens de “A Era do Gelo 4” a ocorrência de algumas dessas relações, estritamente ligadas aos fenômenos naturais que norteiam a produção cinematográfica, possibilitando não apenas o estudo de conceitos geográficos, mas a compreensão de situações cotidianas que acontecem em sociedade e que interferem na formação da cidadania, elemento este no currículo escolar, componente transversal responsável por possibilitar um espaço complementar para o desenvolvimento dos seres humanos.

Já nas primeiras cenas de ‘A Era do Gelo 4’ é possível observar uma dessas relações, quiçá a principal delas, e que envolvem um dos núcleos familiares inseridos na história: a família de mamutes. Nela, o mamute Manny, com ciúmes de sua filha e com seu instinto protetor a flor da pele, mantém um relacionamento conflitante com a pequena Amor (figura 13), uma situação muito comum entre pais e filhos jovens.

Figura 13 - Mamute Manny repreendendo sua filha Amora ao lado de seu amigo Louis.



Fonte: A Era (2012).

É em ocasiões como essas, no mundo real, que a Psicologia enfatiza a necessidade da manutenção da comunicação entre pais e filhos, haja vista a nova caracterização das famílias. De acordo com a Psicóloga Adriana Feijó, do Instituto Personare (2017), a criação dos filhos está sendo dividida entre o casal e os homens, na maioria das vezes, sentem-se compelidos a participar mais da vida da prole e para isso sentem que precisam abrir um canal de comunicação seguro com os filhos, como pode ser observado na sequência apresentada no filme ‘A Era do Gelo 4’.

Ainda se referindo as relações ocorridas no ambiente familiar, a sequência fílmica de “A Era do Gelo 4” apresenta uma outra relação comum ocorrida em sociedade. A relação de desafeto entre a família de Preguiças, ocasionada pelo abandono da preguiça Sid, promovido pelos seus pais, já no primeiro filme da franquia “A Era do Gelo”, e que torna a ocorrer a partir do abandono da Vovó de Sid junto ao bando (figura 14), já que todos fogem das trágicas consequência do processo de “rachadura continental” (sic) (A ERA, 2012), provocada pelo esquilo Scrat.

Transferindo essa relação apresentada para a vivência em sociedade, em um contexto que envolve não apenas a dignidade da pessoa humana, mas a visão jurídica sobre este assunto é observado que em sociedade, situações como esta são tratadas de maneira enfática,

pois, conforme apresenta Krieger e Kasper (2015), o abandono afetivo pode gerar prejuízos de ordem imaterial à formação da personalidade do sujeito desamparado, caracterizado pela falta de carinho e de afetividade.

Figura 14 - Sid cumprimentando sua família que não a vê há anos.



Fonte: A Era (2012).

Outro tipo de relação desenvolvida em sociedade é abordado na sequência fílmica e está associado ao envolvimento entre um grupo de jovens amigos, de diferentes espécies (figura 15). Esse relacionamento, considerando a fixa etária dos personagens, também se apresenta frente aos desafios mais intensos ocorridos nessa fase da vida. Esses desafios, somados ao vínculo estabelecido entre os jovens, possibilita no contexto de 'A Era do Gelo 4', que estes enfrentem os percalços que se apresentaram na sequência fílmica.

Figura 15 - Jovens amigos, de diferentes espécies, se divertindo em um campo de Gêiser.



Fonte: A Era (2012).

É bem sabido que as transformações sociais, culturais, psicológicas e biológicas da vida humana, em sua maioria, ocorrem na adolescência. Por mais que a produção cinematográfica ‘A Era do Gelo 4’ tenha como característica personagens criados através de computação gráfica, todo o roteiro estabelecido ultrapassa os limites do cinema de ficção, fazendo com que os personagens apresentem características comuns ao relacionamento desenvolvido pelos seres humanos, estando os desafios da juventude também presentes nesta relação.

Em meio a essa fase onde, biologicamente, os hormônios estão a flor da pele, eis que surge novamente o papel de Pai super protetor do mamute Manny. No momento em que Amora se diverte com seus amigos e ao mesmo tempo mantém um flerte com o jovem mamute Ítalo, Manny mais uma vez repreende Amora, envergonhando-a perante os demais jovens ali presentes (figura 16), situação corriqueira em sociedade.

Situações como esta é descrita por Ranña (2005), num olhar psicanalítico, como um desafio cotidiano para os Pais de filhos adolescentes. Esta afirmativa se justifica em face das já mencionadas transformações sociais, culturais, psicológicas e biológicas da vida humana.

Figura 16 - Mamute Menny repreendendo sua filha Amora na frente de seus amigos.



Fonte: A Era (2012).

Segundo o Psicólogo, ocorreu nos últimos anos uma mudança nos limites de idade que definem a adolescência, caracterizada pela antecipação do começo da puberdade e, motivado por transformações físicas e psicológicas que acompanham esta fase de passagem da infância para a vida adulta (RANÑA, 2005). Essa caracterização é representada na relação entre Pai e Filha, abordada no contexto de ‘A Era do Gelo 4’.

Sob um olhar sociocultural para a época, o contexto em que segue o roteiro do filme apresenta de maneira satírica um tipo de conflito comum para aqueles que se atrevem a

desbravarem os oceanos: o ataque dos temidos e perigosos piratas; marginais que de forma autônoma ou organizado em grupos, cruzam os mares com o intuito de promover saques e pilhagem a navios e a cidades em busca de obter riquezas e poder, ocorrendo principalmente entre os Séculos XVI e XVIII (FERREIRA, 1986).

No filme, Manny e seus companheiros, a deriva em um iceberg e a procura de uma rota que os levem de volta ao continente e se deparam com o Capitão Entranha e seu bando, que navegam pelos oceanos salvando náufragos em perigo e saqueando os navios que encontra em alto mar (figura 17).

O temido Capitão tenta convencer Manny e seus companheiros a se unir ao seu bando e desistir de reencontrar sua família (figura 18). O plano do Capitão Entranha não se concretiza. Manny, Diego, Sid e Vovó reagem as intimidações dos destemidos piratas e contra-atacam, o que provoca o naufrágio do navio pirata, contudo, as desavenças e conflitos entre os grupos perdurarão por todo o decorrer do filme.

Figuras 17 e 18 - Sequência em que ocorrem os primeiros conflitos com os Piratas.



(Manny, Diego, Sid e Vovó avistam o navio pirata)

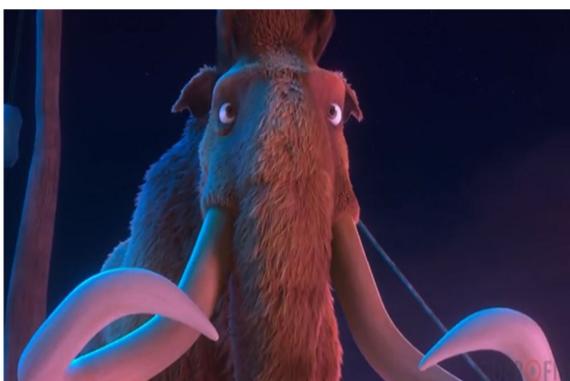
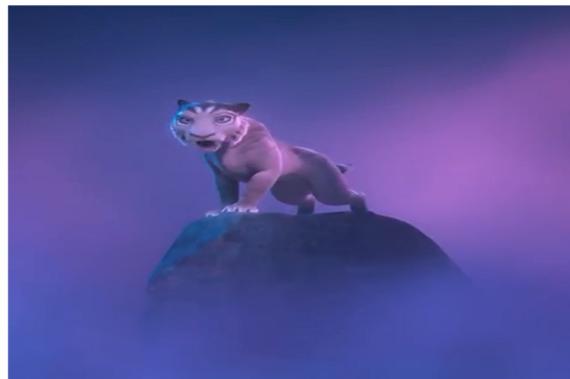


(Manny e Capitão Entranha mantendo breve diálogo)

Fonte: A Era (2012).

Além dos temerosos piratas, outro elemento cultural e lendário presente no cotidiano de pessoas que se deparam em situação de naufrágio ou mesmo navegando em embarcações, bem lembrado no contexto filmico de “A Era do Gelo 4”, são as Sereias e seu canto contagiante e sedutor (figuras 19 a 26). Na Mitologia Grega, conforme descrito em relatos de escritores e poetas, as sereias tinham o corpo de metade pássaro e metade mulher, trazendo consigo a simbologia dos perigos encontrados no mar, que podiam levar o homem a morte, pois conforme as histórias, o canto da sereia seduzia os homens para que estes entrassem no mar e morressem afogados (CULTURA MIX, 2013).

Figuras 19 a 26 - Cenas em que Manny, Diego, Sid e Vovó ao serem tentados pelo canto das sereias



Fonte: A Era (2012).

Enquanto Manny e seus companheiros se deparam com as mais diversas situações mar adentro, os animais que permaneceram no continente a procura de um novo lugar para se fixar acabam por se deparar com situações até pouco tempo inimagináveis. Em meio aos mais diversos conflitos observados, um que de certa forma se diferencia dos demais e que acaba por consolidar a conturbada fase em que vivem as jovens espécies de animais, ocorre quando a pequena Amora renega a amizade que tem com o ouriço Louis, em busca da aceitação e respeito por parte dos demais mamutes do bando (figura 27).

Esta atitude se apresenta nesse contexto como um conflito de relacionamento entre as espécies, independente das circunstâncias que a originaram. Entre os seres humanos, seja no ambiente familiar ou escolar, situações como estas são cada vez mais comuns e ao tempo em que ocorrem fazem com que reflitamos sobre nossas atitudes de modo que não nos isolem em sociedade. Conforme descreve Saldanha (2013), muitas das vezes em que alguém que amamos nos ofende, nos ignora ou nos faz algo que nos tira do sério, é nesse momento que saberemos se realmente gostamos desta pessoa, a ponto de relevar, esquecer e perdoá-lo pelo ocorrido, como acontece em os personagens Amora e Louis.

Figura 27 - Louis observa Amora renegar sua amizade perante um grupo de mamutes.



Fonte: A Era (2012).

Por fim, entre tantas situações e relações conflitantes e que representam não só a vivência em grupo por parte dos personagens, mas que se assemelha muito ao que ocorre em sociedade na atualidade, o principal fator e que expressa unilateralmente, cada uma a seu modo, a semelhança e também a diferença entre a diversidade de espécies é o seu instinto de sobrevivência. No filme, seja na sequência vivenciada por Manny, Diego, Sid e Vovó no ambiente oceânico, quanto na experiência pela qual passaram Ellie, Amora, Louis e os demais do bando no continente em processo de fragmentação, a vontade de superar os desafios e de

se reencontrar foram maiores do que as dificuldades, o que possibilitou a continuidade de uma relação que ultrapassa as barreiras da ficção.

Figura 28 - Reencontro do bando e continuidade do vínculo familiar-afetivo.



Fonte: A Era (2012).

A paisagem final abordada no filme define o contexto familiar diverso que ultrapassa a noção de espécie, traz um cenário no Plano Médio e no Panorama do filme apresentando o renascer e o recomeço de uma nova trama, a ser explicitada na franquia, em “A Era do Gelo 5”, com exibição recente e que abre novas possibilidades de estudo e abordagem, especialmente no ensino e na educação geográfica, dentre outras áreas do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES

Em meio às constantes modificações que ocorrem na sociedade, é perceptível que o grande desafio para a escola e, principalmente, para os profissionais que nela exercem tem sido poder acompanhar esse processo contínuo. Todavia, é bem sabido que poucos são os que realmente conseguem acompanhar estas mudanças no ritmo em que elas acontecem.

Os currículos, instrumentos indispensáveis à realidade escolar, por vezes acabam meio que se distanciando da inserção de novas possibilidades que tendem a proporcionar uma adequação à nova realidade que se configura.

Os recursos tecnológicos, dentre eles, como já mencionado e especificado, a produção cinematográfica, são de extrema importância para a compreensão de diversos fenômenos e situações que envolvem a relação homem-natureza, objeto de estudo da Geografia. Através deste recurso, independentemente de seu caráter filmico-ficcional, foi possível compreender não apenas o comportamento natural do ambiente em que vivemos, mas nossa participação como agentes modificadores de um sistema em constante evolução, do qual direta ou indiretamente necessitamos. Este viés foi o que norteou a execução desta pesquisa e através dela foi possível observar que várias são as possibilidades de se executar práticas pedagógicas diferenciadas a partir do recurso filmico.

Através da utilização deste recurso em sala de aula, é também possível acompanhar o modo como se apresentam os alunos, isto é, a forma como estes se envolvem ao contexto, possibilitando ao professor adotar diferentes estratégias, incomuns a prática cotidiana. Dentre elas, é permitido elencar as diferentes formas ou estratégias de leitura, neste caso, a forma como o aluno e professor lêem o que o filme, em si, tem a nos transmitir. A partir da leitura filmica, como apresentado no capítulo 3 deste trabalho, é possível utilizarmos diferentes formas de construir os sentidos, de modo que estes estabeleçam, junto com o roteiro no qual se consolida o papel dos personagens e da história, a compreensão do espaço geográfico e das relações nele desenvolvida.

Outro fator de extrema importância e que nos permitiu elencar como característica relevante desta área do conhecimento chamada Geografia foram a possibilidade de se estabelecer conexões diferenciadas entre conteúdos, teorias e, oportunamente, práticas, de modo que estas ocupem o papel de instrumento conciliador da compreensão didático-pedagógica existente entre os mundos real e ficcional. A possibilidade existencial de se trabalhar multidisciplinarmente conteúdo da Geografia com outras disciplinas, inclusive, de

outras áreas que não seja a de ensino, é um elemento pontual dentro do que se planeja em uma sociedade cada vez mais “globalizada”.

Nesta perspectiva, “A Era do Gelo 4” se comporta dentro do contexto multidisciplinar como um elemento de importante reflexão, tanto quanto pedagógico, pois não fugindo a regra da franquia “A Era do Gelo”, busca sempre transmitir ao público não apenas conteúdos geográficos de maneira dinâmica e cômica, mas nos faz também refletir, ao seu tempo, alguns valores importantes para a convivência com os demais em sociedade.

Ao tempo em que a ciência e a tecnologia evoluem, os homens tendem a seguir esse passo, o que acaba por vezes os distanciando do convívio social e afetivo. Todavia, mesmo em face de uma sociedade e de um sistema em constante transformação. Valores como amizade, companheirismo, lealdade, esperança, compreensão, humildade, justiça, perseverança, respeito, perdão, sinceridade, responsabilidade, tolerância, dentre outros, são visíveis em meio ao comportamento dos personagens e que estão cada vez mais escassos na sociedade contemporânea. Esta é uma característica observável e que deveria seguir de parâmetro para os que assistem à produção, não apenas no ambiente escolar, mas em sociedade, de modo geral.

Refletir acerca dos conceitos geográficos apresentados em “A Era do Gelo 4” é de extrema importância e necessidade, pois nos faz compreender por meio do entretenimento como se processou toda a dinâmica que envolve a formação e constituição da superfície terrestre, contudo, nos faz ainda mais refletir sobre determinadas atitudes do ser humano que perpassa a necessidade de se adquirir conhecimento, que é a vivência em sociedade. A partir desta vivência harmoniosa e, por que não, ética, conseguiremos conviver em sociedade dentro deste espaço natural constantemente humanizado. Refletir acerca da ação humana é um preceito que se sobressai a qualquer conhecimento científico, e isso é possível de ser observado no contexto fílmico de ‘A Era do Gelo 4’.

Vale ressaltar que, acima de tudo, essa concepção deve ser concebida, num viés acadêmico, dentro da Universidade, em meio ao processo de formação de Professores, possibilitando a estes a capacidade de transmitir ensinamentos baseados nestes princípios, mediante a devida leitura deste e de qualquer outra produção do gênero e no mesmo contexto, bem como, do devido manuseio de equipamentos e de novos recursos, em sua maioria, tecnológicos, os quais têm a característica de estabelecer a dinâmica educação-globalização, cada vez mais intensa. Tal potencialidade será de certa forma, responsável pela formação do caráter cidadão dos alunos (ou de parte deles), consolidando assim a abertura de novos

espaços de reflexão e de aprendizagem, momento em que nos debruçamos e indicamos como novas possibilidades de estudos para outros leitores e pesquisadores interessados.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: evolução e avaliação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994, pp. 199-232.

A ERA do Gelo 4. **Deriva Continental**. Direção de Steve Martino e Mike Thurmeier. Produção de Carlos Saldanha, Lori Forte e John Donkin. Realização de Steve Martino. Coordenação de Chirs Wedge. Intérpretes: Diogo Vilela, Márcio Garcia, Tadeu Mello, Andréa Suhét, Nadia Carvalho, Carla Pompílio, Gustavo Nader, Mauro Ramos, Bruna Laynes, Eduardo Borgeth e Jorge Vasconcellos. Roteiro: Jason Fuchs e Michael Berg. Música: John Powell. EUA: Blue Sky Studios, 2012. DVD (94 min.), 3D, son., color.

AGUIAR, E. V. B. **As Novas Tecnologias e o Ensino-Aprendizagem**. Revista Vértices. Campos dos Goytacazes: vol. 10, nº 1, jan./dez. 2008, pp. 63-71.

AGUILAR, J. M. R. O Homem e a Natureza. In: AGUILAR, J. M. R. **Biogeografia I**. São Cristovam: CESAD, 2009. Cap. 8. p. 131-152.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia Rural**: questões teórico-metodológicas e técnicas. Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, v. 5, n. 9, p. 5-16. Uberlândia: fev., 2010.

ARAÚJO, C. M; FELIPE, M. A. **O Contexto Tecnológico**. Educação e Tecnologia. Natal: EDFURN, 2007a, 20 p. il.

ARAÚJO, C. M; FELIPE, M. A. **Nova Escola, Novos Professores**. Educação e Tecnologia. Natal: EDFURN, 2007b, 16 p. il.

ARAÚJO, C. M; FELIPE, M. A. **Oficinas Tecnológicas II**: o uso dos filmes. Educação e Tecnologia. Natal: EDFURN, 2007c, 20 p. il.

ATLAS VIRTUAL DA PRÉ-HISTÓRIA - AVPH (São Pedro da Aldeia). **Glaciações**. 2001. Disponível em: < <http://www.avph.com.br/glaciacao.php> >. Acesso em: 06 abr. 2017.

BALOGH, A. M. **O Discurso Ficcional na TV**: sedução e sonhos em doses homeopáticas. São Paulo: Edusp, 2002, 224 p.

BARBOSA, M. B. C. **A Formação do Professor de Geografia pelo Modelo da Licenciatura Integrada**. In: VI Encontro Inter-regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste de Formação Docente para a Educação Superior. Brasília: mai. 2015, pp. 14-25.

BELLONI, M. L. **Educação à Distância**. Maria Luiza Belloni. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2008, 115 p. (Coleção Educação Contemporânea).

BERNARDES, N. **A Influência Estrangeira no Desenvolvimento da Geografia no Brasil**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: v. 44, n. 3, jul./set. 1982, pp. 519-527.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB nacional [recurso eletrônico]: Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 11. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. 46 p. – (Série legislação; n. 159).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 156 p.

BRITO, V. S; CABRAL, R. G; OLIVEIRA, C. B. **Alfabetização Tecnológica na Formação de Professores:** concepções a partir de um estudo de caso. In: VII Fórum Internacional de Pedagogia, Parintins-AM. Revistas FIPED/Editora Realize. Campina Grande: vol. 1, ed. 4, 2015, 13 p. ISSN: 2316-1086.

CALDAS, L. K; ARNONI, M. E. B. **Trabalhando Tipos/Gêneros Textuais em Sala de Aula:** uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética. In: 16º Congresso de Leitura do Brasil. IV Seminário: “Práticas de Leitura, Gênero e Exclusão”, XVI Sessão. Campinas: jul. 2007, pp. 1-10.

CAMPOS, R. R. **Cinema, Geografia e Sala de Aula.** Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia. São Paulo: vol. 4, n. 1, 2006, pp. 1-2.

CARDOSO, R. S. **Quem Disse Que Filme de Animação é Coisa Só de Criança?** 2006. 93 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.

CARVALHO, A. A. T. **Josué de Castro nos Encalços da Geografia Francesa:** decifrando os meandros de um diálogo geográfico. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo: mar. 2005, pp. 3085-3100.

CAVALCANTI, L. **A Geografia Escolar e a Cidade:** ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008, 192 p.

CHAGAS, V. **Núcleo Comum Para os Currículos do Ensino de 1º e 2º Graus.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília: v. 74, n. 177, mai./ago. 1993, pp. 385-423.

CULTURA MIX (São Paulo). **A Origem das Sereias.** 2013. Disponível em: < <http://cultura.culturamix.com/curiosidades/a-origem-das-sereias> >. Acesso em: 15 abr. 2017.

DANTAS, A; BARBOSA, J. R. A. **Instrumentação para o Ensino de Geografia III.** 2ª ed. Natal: EDUFRRN, 2011, 176 p.: il. ISBN: 978-85-7273-878-1.

ECO, U. **Sobre a Literatura.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 305 p.

FEIJÓ, A. (São José do Rio Preto). Instituto Personare. **Entendendo a Relação Entre Pais e Filhos.** 2017. Disponível em: < <http://www.personare.com.br/imprimir/2727/entendendo-a-relacao-entre-pais-e-filhos> >. Acesso em: 13 abr. 2017.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986. 1.337 p.

FERREIRA, E. C. **O Uso dos Audiovisuais Como Recurso Didático.** (Dissertação). Mestrado em Ensino de História e Geografia 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto: 2010, 75 p.

FREITAS, C. **O Cinema:** objeto de uma rede de comunicação relacional. *Revista Sessões do Imaginário.* Porto Alegre: vol. 8, n. 10, nov. 2003, pp. 23-28.

GARCIA, F. W. **A Importância do Uso das Tecnologias no Processo de Ensino-Aprendizagem.** *Revista Educação a Distância.* Batatais: v. 3, n. 1, jan./dez. 2013, pp. 25-48.

KRIEGER, M. A; KASPER, B. Weber. Consequências do Abandono Afetivo. **Revista Páginas de Direito,** Porto Alegre, ano 15, nº 1241, 13 de maio de 2015. Disponível em: < <http://www.tex.pro.br/artigos/305-artigos-mai-2015/7137-consequencias-do-abandono-afetivo> >. Acesso em: 13 abr. 2017.

LANDIM NETO, F. O; BARBOSA, M. E. S. **O Ensino de Geografia na Educação Básica:** uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. In.: *Revista Geosaberes.* Fortaleza: vol. 1, n. 2, dez. 2010, pp. 160-179.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** 4º ed. São Paulo: Cortez, 2000, 104 p.

LUCENA JUNIOR, A. **A Arte da Animação:** técnica e estética através da história. 3 ed. São Paulo: Senac, 2011, 456 p.

MARCONDES FILHO, C. **Sociedade Tecnológica.** São Paulo: Scipione, 2002, 111 p.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) **Gêneros Textuais & Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, pp. 19-36.

MELLO, F. S; MOKVA, A. M. D. Z; CONFORTIN, H. **Cinema nas Escolas.** In.: *Revista Perspectiva.* Erechim: vol. 38, n. 144, dez. 2014, pp. 75-83.

MELO, A. A; VLACH, V. R. F; SAMPAIO, A. C. F. **História da Geografia Escolar Brasileira:** continuando a discussão. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História de Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História de Educação. Uberlândia: abr. 2006, pp. 2683-2694.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, 189 p.

NAPOLITANO, M. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2003, 249 p.

PENTEADO, H. D. **Metodologia do Ensino de História e Geografia.** São Paulo: Cortez, 1991, 187 p.

PERISIC, Z. **Guia Prático do Cinema de Animação.** Lisboa: Presença, 1979, 238 p.

PESSOA, R. B. **A Geografia Como Ciência da Sociedade: sujeito e objeto da ciência geográfica.** (Artigo). Cajazeiras: UFCG, 2009. 14 p.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T; CACETE, N. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 383.

PRESS, F. et al. Registro das Rochas e Escala do Tempo Geológico. In: PRESS, Frank et al (Org.). **Para Entender a Terra.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 10. p. 248-269. Tradução de: Rualdo Menegat.

PRESS, F. et al. Tectônica de Placas: a teoria unificadora. In: PRESS, Frank et al (Org.). **Para Entender a Terra.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 2. p. 47-74. Tradução de: Rualdo Menegat.

RANÑA, W. **Os desafios da adolescência.** 2005. Disponível em: < http://www2.uol.com.br/vermente/reportagens/os_desafios_da_adolescencia.html >. Acesso em: 14 abr. 2017.

SALDANHA, J. A. **Amizade e Seus Conflitos.** 2013. Disponível em: < <http://textosdojaime.blogspot.com.br/2013/08/a-amizade-e-seus-conflitos.html> >. Acesso em: 15 abr. 2017.

SAMPAIO, M. N; LEITE, L. S. **Alfabetização Tecnológica do Professor.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, 112 p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo; razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2002, 384 p.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia.** 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012. 136 p.

SANTOS, S. A. **O Potencial da Tecnologia Audiovisual Aplicada ao Ensino de Geografia.** Revista Brasileira de Educação Geográfica. Campinas: vol. 4, n. 7, jan./jun. 2014, pp. 57-69. ISSN: 2236-3904.

SCHENEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola.** Tradução: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Coleção As Faces da Linguística Aplicada, Vol. 6. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, 278 p.

SILVA, G. C. J; MENEZES, T. S; ARAÚJO, M. J. A. **Alfabetização Tecnológica.** (Artigo). Curso de Graduação em Letras, Disciplina de Didática. Universidade Tiradentes. Aracajú: Web Artigos, abr. 2010.

SILVEIRA, R. L. L. **Redes e Território: uma breve contribuição geográfica ao debate sobre a relação sociedade e tecnologia.** Revista Bibliográfica de Geografia e Ciências Sociais. Universidade de Barcelona. Barcelona: vol. VIII, nº 451, 15 jun. 2003. ISSN: 1138-9796.

TARDY, M. **O Professor e as Imagens.** São Paulo: Cultrix, 1976, 123 p.

TASSARA, M. Das Pinturas Rupestres ao Computador: uma história do cinema de animação. In: BRUZZO, C. (coord.). **Coletânea Lições com Cinema: animação**. São Paulo: FDE, 1996. p.11-36.

TEIXEIRA, W. et al. (Org.) **Decifrando a Terra**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009, 624 p.

TORREZANI, N. C. Estudando Geografia: as transformações das paisagens. In: TORREZANI, N. C. **Vontade de Saber Geografia, 6º Ano**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2015a. Cap. 1. p. 12-39.

TORREZANI, N. C. A Dinâmica da Natureza e os Continentes Terrestres: a tectônica de placas - terremotos. In: TORREZANI, N. C. **Vontade de Saber Geografia, 8º Ano**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2015b. Cap. 1. p. 12-39.

TONINI, I. M. Para pensar o ensino de geografia a partir de uma cultura visual. In: REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCKER, N. A. (org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Vol. 2, Porto Alegre: Editora Penso, 2011, pp. 93-103.

VARÃO, M. G. de S. **O Texto na Tela: a construção de sentido na leitura do filme A Era do Gelo**. 2012. 204 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.